



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Adriana Falcão

**QUERIA  
VER VOCÊ  
FELIZ**



Copyright © 2014 by Adriana Falcão

*Preparação*

Kathia Ferreira

*Revisão*

Eduardo Carneiro

Tamara Sender

*Capa*

Angelo Allevalo Bottino

*Tratamento de imagens*

ô de casa

*Foto da autora*

Daryan Dornelles

*Fotos e cartas*

Acervo de família

*Revisão de ePub*

Rodrigo Rosa

*Geração de ePub*

Intrínseca

*e-ISBN*

978-85-8057-612-2

Edição digital: 2014

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3<sup>o</sup> andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



# Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

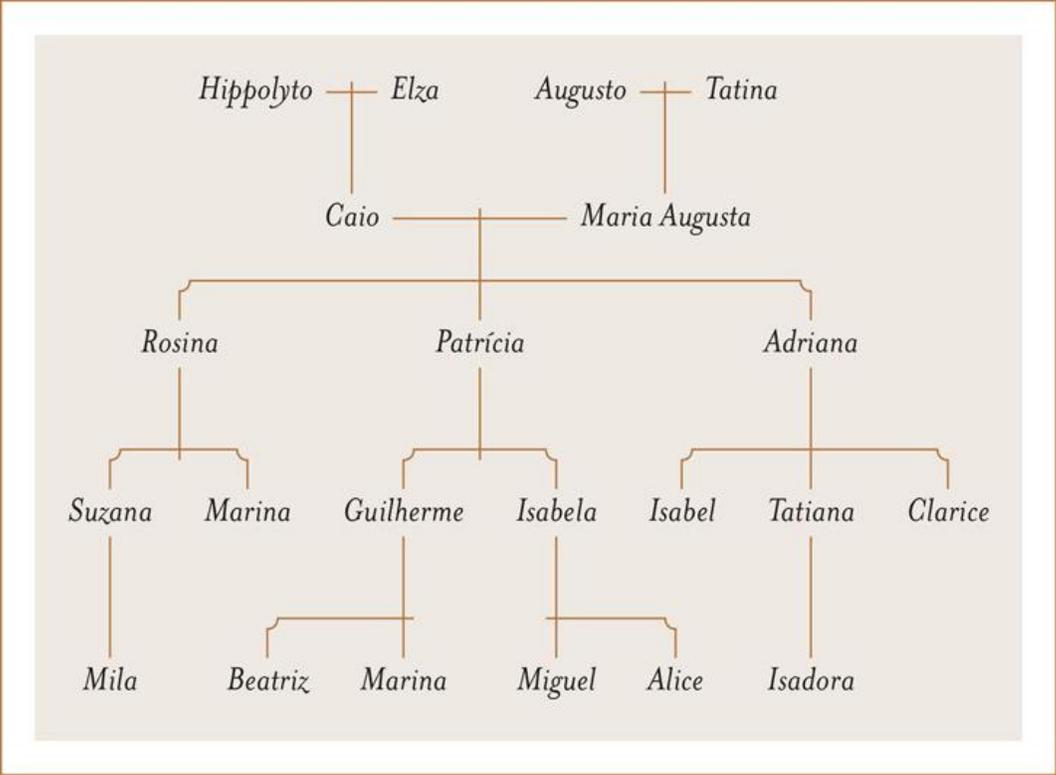
[Árvore genealógica](#)

[Livro](#)

[Sobre a autora](#)

[Títulos relacionados](#)

→ *Para a Rosina e a Patrícia*





CONFESSO LOGO de cara que o proibido sempre me atraiu.

Faz parte da minha natureza transgredir, invadir, violar. Não me interessa desimpedir impedimentos, não necessito de acordos, não me aprazem os "a contento", não sou de pedir licença, não estou nem aí para sorrisos hospitaleiros, não me venham com xícaras de chá. Estou, sim, belicosamente plantado no meio de olhos que não se devem olhar, corpos interditos, condições incompatíveis, atos ilícitos, corações desautorizados.

Tudo que é obstáculo me fascina, seja terra, abismo, pedra, qualquer tipo de intempérie, conflito, opinião alheia à minha vontade, ordem expressa, censura, segredo irrevelável, desvelo em demasia, ciúme de mulher, ira de homem, capricho de mãe ou voto de pai.

Sempre que posso driblar qualquer tipo de jurisprudência, me divirto. Sou um penetra. O melhor que já se viu. A prova disso é que acabo de invadir sua vida me apresentando como grande infrator, para agora então, de repente, lhe mostrar uma outra face, me vender de outro modo.

Quer saber? Também gosto de me descobrir bem-vindo, adoro me sentir convidado. Jamais subestimei o que é fácil. Está na mão? É comigo.

Sou de contrários. E de tudo que há em volta deles.

Sinto-me realizado ao presenciar um abraço satisfeito e íntimo entre dois seres que se querem docemente. Um exemplo? Um casal, de qualquer idade, em seu sossego, num quintal ou à beira-mar. Essa imagem terna me enfeitiça tanto quanto a de dois corpos em brasa, sobre uma cama ou onde quer que seja.

Só para constar:

- \* Gosto de pares.
- \* Quando me deparo com gente adolescente, um furor repentino me ataca.
- \* Se o querer de uma pessoa insiste no querer de outra, me arrepio.

\* Ai, que negócio me dá quando presencio dois velhinhos passeando de mãos dadas.

\* Êxtases me extasiam, atos de ternura me enternecem, sou o rei dos clichês.

\* Desnecessário comentar que sempre me seduziram cenários clássicos, como pistas de dança, parques de diversão e noites de chuva.

Vou deixar aqui registrado que no dia em que Caio e Maria Augusta se conheceram chovia, mesmo sem ter certeza disso, apenas porque gosto da imagem dela chegando em casa, em alvoroço, com seu vestidinho molhado.



ANTES, PORÉM, de narrar a história do casal em questão, gostaria de me apresentar melhor.

Não tenho sexo. Não tenho corpo. Não sou mortal nem imortal, visto que morro mas renasço, e volto a morrer e a renascer até o infinito. Sou um teimoso. Há quem tente me prender, há quem tente me entender, há quem tente me explicar, nada disso é muito fácil.

Arrisco afirmar que você me conhece bem.

Talvez eu o faça feliz, talvez eu o faça sofrer, talvez você tenha me expulsado da sua vida, algum dia, porém, garanto, já visitei a sua casa, fui seu hóspede.

Conheço seu coração como a palma da minha mão.

Guardo segredos só seus.

Posso escrever um livro sobre você, se me der na telha.

Posso até mesmo contar, para todo mundo saber, tórridos detalhes da sua intimidade. Não o farei agora, pode manter a calma.

A esta altura, você já deve estar adivinhando quem é este que vos fala, sou eu, sim. Há quem me chame de Eros, Kama, Philea, Ahava, há quem me chame de Amor, há quem me chame de Love.

Como ter certeza de que eu sou eu de verdade?  
Dou minha palavra.



NÃO É nem um pouco fácil ser eu.

Quanta coisa é feita em meu nome, quanta coisa é dita, quanta coisa é desfeita e quanta coisa é desdita.

Minha onipresença permite viagens indescritíveis, disso não posso me queixar. Minha onipotência me coloca, no entanto, em permanente estado de vigília. Muito me orgulho do meu ofício, você pode imaginar como, mas tamanha responsabilidade me faz todo o tempo viver sob uma pressão quase insuportável. Ocupo um cargo intrincado. Não dá para marcar bobeira. E ainda tem toda a gente a me cobiçar, a esperar demais de mim, a sonhar comigo, a me julgar. Ora sou motivo, ora sou desculpa, ora me veneram, ora me injuriam, ora me agradecem, ora me incriminam.

Frequentemente me desperdiçam, como se eu não fosse raro.

Quanta burrice.

Não sabem que sem mim muitos se sentem ocos? Sem mim, muitos terminam rochas. Sem mim, muitos não dão em nada. Sem mim, luas cheias se exibem sem finalidade.

Quanto mais perto do divino, mais eu sou perfeito.

Sou vaidoso, sim, e daí?

Parte do meu sucesso, entretanto, devo à minha capacidade de exercer a humildade, quando considero que isso me é favorável.

Em inúmeras ocasiões me reservei, saí de fininho, deixei de impor meus poderes, abdiquei de traçar destinos, fiquei na minha, quieto, parado. Noutras, me submeti a anseios alheios, contra a própria vontade. Quantas vezes deixei de marcar presença, permitindo que os amantes fossem protagonistas de suas histórias?

Aceito sem mágoas ver meu nome lá no final dos créditos.

Não preciso que me deem cartaz.

Sou capaz de tudo para obter bons resultados.

Viro pano de fundo, se necessário.  
Limito-me a existir.  
E, uma vez que existo, me espalho de várias formas.



EM CERTAS OCASIÕES me confundem com outros sentimentos, o que me irrita profundamente. Tem gente que, ao ser atacada por uma paixão qualquer, já sai anunciando: “Estou amando”. Uma atração à toa, um arrepiozinho, uma admiração mais forte e lá vem meu nome à tona. Em se tratando de alguma obsessão, seja lá de que tipo, sou sempre uma ótima justificativa.

Insisto: sou muito maior do que encantos, sou muito melhor do que desejos, detesto servir de pretexto. Sou a maior fonte de inspiração de todos os poetas, de todos os tempos. Sou assunto de filme, música, notícia, mensagem, fofoca, confidência. Já fui citado até em tribunal.

Milhões de vezes.

Ah, e também na Bíblia.

A rigor, posso ser classificado em vários tipos: fraternal, passional, platônico, universal, sexual, eterno, fugaz, inconsequente, ainda bem que não tenho rigores. Podem me definir como bem entenderem e jamais chegarão a concluir qualquer relatório.

Se concluírem, me reinvento.

E saio surpreendendo quem vier pela frente.

Duvida?



CHEGA DE FALAR de mim, já basta o que os outros falam: é “amor” para lá, é “amor” para cá, “amor não sei qual”, “amor não sei o quê”, isso até enjoa a gente.

Não sou apenas de falar, sou de fazer.

Não sou só um substantivo, sou também o verbo que nasce de mim.

Posso ser conjugado em todas as pessoas, em todos os tempos.

Vamos às ações?

Isso.

Penso que já fiz de tudo neste mundo.

Gosto de quem faz.

Amar subentende agir: praticar, lutar, se dedicar, se lançar, se envolver, cuidar, conceber, compreender, construir. Subentende, ainda, se for o caso, se abster de algumas coisas em função de outras. Ou apenas ter paciência. Não agir também é uma forma de agir, não fui eu quem formulou esse pensamento, foi um filósofo por aí. Agindo ou não agindo é preciso muita capacidade, altruísmo, liberdade, nobreza e, ao menos, um pouquinho de loucura para amar de verdade. Nem todo mundo sabe amar de verdade. Eu me recuso a me entregar de verdade a qualquer um sem prévia seleção. Sempre escolho aqueles que têm algum mérito.

Que critérios utilizo? Todos os que conheço.

Raramente me deixo levar só por distração, sem propósitos firmes. A não ser que esteja bastante a fim de uma aventura. Mas isso já é outra coisa.

E olha eu aí de novo falando de mim, perdoe-me, vamos aos fatos.

Espero não resvalar em pieguices nem ter acessos de egolatria.

Tentarei ser objetivo.

Vamos lá.

Lá do começo da história.



RIO DE JANEIRO, fins dos anos 1940.

Aquilo estava uma maravilha. Era o meu refúgio. Em volta dali, o mundo estava triste. Sério. Sem graça. Traumatizado. A guerra havia minado esperanças e disparado razões. E razões não

combinam comigo. As cabeças estavam ocupadas por lembranças de corpos empilhados e outros horrores. Os corações estavam habituados com as dores. Decididamente, aquela não era a minha praia.

Dei para passear por Copacabana. Ipanema. Flamengo. Laranjeiras. Catete. Largo do Machado. A Lagoa era espetacularmente bela, assim como a baía de Guanabara.

Ficava dali para lá, sempre ligado nas oportunidades, e elas eram muitas. Moços, moças, vergonhas, carências, fervores, maiôs de banho, saias, ternos, uniformes de colégio, bondes lotados, festas, botequins, e ainda havia os morros, e ainda havia o samba.

Usando uma expressão de época, me diverti às pampas. Trabalhei feito um condenado. Aprontei de tudo. Noutra ocasião posso narrar outros casos marcantes desse saudoso tempo, se alguém se interessar em rememorar-los.

O fato é que eu poderia contar qualquer história de amor, mas se hoje minha memória anda às voltas com esta, de Caio e Maria Augusta, culpo quem abriu um certo baú florido onde estavam guardados cartões, bilhetes, retratos e cartas.





MARIA AUGUSTA DE LAÇO DE FITA  
E SEU POEMA PARA  
A GATA JEANETTE (ABAIXO).

jeanette minha jeanette  
vem amor minha o outro  
jeanette pela beleza do olhos

A PRIMEIRA VEZ que vi Maria Augusta e suas tranças foi em 13 de maio de 1947.

Jamais esquecerei esse dia. Lá estava eu pela Fonte da Saudade, perto da lagoa Rodrigo de Freitas, em pleno Rio de Janeiro, apreciando uma tarde especialmente azul, quando a menina, inquieta, me atraiu a atenção. Entendi na hora: “Essa é das minhas”.

Ela estava com apenas quatorze anos.

Andava na calçada para lá e para cá, numa agitação extrema, o pensamento entretido, talvez nem percebesse que andava. A ansiedade é que andava por ela, na verdade as duas me confundiam, ou se confundiam, Maria Augusta e sua ansiedade.

De cinco em cinco segundos, ela dava uma olhadinha para a rua, por certo estava esperando alguém, mas pessoas e carros vinham e iam, e nada. Finalmente, um Ford Coupe encostou rente ao meio-fio e a menina disparou, eufórica. Entrou correndo no automóvel sem perceber que esquecera o casaquinho de lã em cima do muro do prédio, e, enquanto eu me detinha no casaquinho de lã ali esquecido, o carro deu partida e foi embora.

Fiquei encasquetado.

Nervoso.

Meio estranho.

Em desvario.

Que garotinha danada.

Sem dúvida, eu havia recebido um chamado de emergência, só faltava descobrir para onde, para quê, qual era essa missão.

Uma garota com urgência de amar.

Conheço poucas coisas tão atraentes.



SEMPRE QUE TENHO um belo desafio pela frente, me deixo levar pela intuição.

Uma flecha sem alvo. Adoro me sentir assim.

Saí pelas ruas, direita, esquerda, esquerda, direita, ainda tonto, ensaiando brincar de Deus. Vislumbrava beija-flores, farejava rosas, pressentia sinos, me esforçava para ouvir violinos, trombetas ou uma música americana bem cinematográfica.

O que eu queria era criar uma bela cena. Quem sabe até em technicolor. Uma bela cena, quem sabe até em technicolor, onde eu prestaria meus serviços com eficácia. Considerando que eficácia abrange afeto, desatino e elegância nesse ofício que exerço.

A verdade é que eu estava ansioso demais para desvendar a história que acabara de me convocar. E tinha que ser logo, antes que aquele êxtase se dissipasse nos ares. Eu estava obcecado, agoniado, essa agonia que me dá quando me proponho a executar o melhor possível o meu trabalho. Em algum lugar, provavelmente num Ford Coupe, uma menina de tranças esperava algo de mim. Eu jamais iria decepcioná-la.

Direita, esquerda, e eu atento: um senhor de bigodes, um funcionário do Correio, um rapaz com pinta de halterofilista, esquerda, direita, um homenzinho apressado entrando num casarão, esquerda, esquerda, direita, um colégio, três freirinhas, segui em frente, quando uma ruazinha me convidou a entrar. Rua Pires de Almeida. Cosme Velho. Entrei. A rua ia dar num largo, com uma praça no meio, e continuava numa ladeira que nem cheguei a subir, pois, ali, num prédio em frente à pracinha, dei de cara com o Caio, as peças se encaixaram dentro do meu quebra-cabeça e eu me arrepiei todinho.





CAIO ADOLESCENTE.

NAQUELE MAIO DE 1947, Caio ainda era um garoto. Magro, alto, louro e meio desajeitado. Contava quinze anos de idade. Seus olhos eram verdes e as olheiras, profundas. Eu sempre reparo em olheiras.

Ele estava sentado na janela do seu quarto, no apartamento térreo do prédio baixo, as pernas para fora, para a rua, e o peito angustiado. Se a Norma visse que ele ia sair sozinho com a turma, o dia já escurecendo, é claro que cismaria em ir com ele. Por causa desse pensamento, a angústia ia e vinha. Ele já estava pronto para o pulo, era só o Gerard aparecer na esquina. "Ora, pombas, Gerard, daqui a pouco a rádio começa a *Hora do Brasil*, será que o Gerard esqueceu o combinado?"

Uma pausa para um esclarecimento: você quer saber se eu leio pensamentos? Apenas quando estou em serviço.

Será que o Gerard tinha esquecido o combinado? Começou a *Hora do Brasil*. A Norma apareceu na porta do quarto, "vai pra onde?". Quem inventou irmã mais nova deveria ser esquartejado. Da esquina, o Gerard emitiu o tradicional assobio da turma. A seu lado estava o Gilberto, que acenou com a mão, e Caio pulou para fora, e a moldura verde da janela, sem a figura dele no meio, enquadrava a carinha curiosa da Norma.



CAIO SUGERIU uma voltinha no Largo do Machado, mas o Gilberto e o Gerard insistiram que "a Paissandu deve estar fervendo no Flamengo". Argumento imbatível. Lá foram eles.

E a Norma grudada.

Logo que chegaram ao destino, os garotos se dispersaram para averiguar se a noite prometia. O Caio se encostou num poste, contrariado com a presença da irmã. "E agora a gente vai fazer o quê?", "E que horas a gente vai na lanchonete?", "E grande coisa esse passeio boboca, para que tanto segredo?", a menina era uma matraca. Todo mundo sozinho, só ele, o idiota, acompanhado de

criança pequena. Caio não parava de reclamar. A Norma rebatia que não era criança, era quase da idade dele, o que deixava o irmão ainda mais envergonhado.

“Nem a Elizabeth, nem a Maria, nem a Vilma”, Gilberto anunciou e acrescentou dando grande importância ao fato: “Nem a Terezinha”.

“E se a gente der uma chegada na Fonte da Saudade?”, sugeriu Gerard. Caio deu de ombros. Gilberto começou: “Sabiam que a Fonte da Saudade tem esse nome porque tinha uma fonte de água perto da Sacopã...”, “Você já contou a história dessas lavadeiras nessa tal fonte mil vezes”, Caio cortou o amigo, irritado, para poder se lamentar: “Se a mamãe souber que a Norma foi sozinha comigo até a Fonte da Saudade, me mata”.

Obrigado, Gerard!



AS GAROTAS da Fonte da Saudade passeavam suas belezas sem outro objetivo senão passear suas belezas, e os meninos do Cosme Velho se animaram: “É hoje!”.

Gilberto fez cara de artista de cinema, puxou um cigarro do bolso, acendeu, deu uma tragada e soltou a fumaça em pequenos círculos. Gerard apontou um grupo de garotas e cochichou no ouvido de Caio: “Olha, a mais alta é que é a Ruth, irmã da Alcida”. “Amiga da Maria Augusta”, completou a Norma, que tinha ouvido o cochicho. “Que Maria Augusta?”, Caio perguntou por perguntar.

E nesse exatíssimo momento o Ford Coupe encostou no meio-fio e Maria Augusta desceu com suas tranças balançando. Ela trazia um pequeno pacote nas mãos e estava ansiosa para ir ao encontro das amigas.

Caio ficou olhando a garota correr em direção à Ruth.

Sem que ninguém perguntasse, Maria Augusta anunciou: “Fomos ao Centro e eu aproveitei para comprar isto”.

“Fomos, quem?”, Ruth perguntou.

“Eu, o Herson, a Ilsa, a Vera Maria e...”

“E o que é isso?”, quis saber Alcida.

Maria Augusta abriu o pacote e mostrou com grande orgulho: “Uma fitinha de cetim. É para a Jeanette”.

A Norma se meteu no meio delas: “A Jeanette MacDonald?”.

“A gata angorá da Maria Augusta”, Ruth teve que explicar.

“O grande amor da vida dela”, emendou Alcida.

E só aí o olhar da Maria Augusta cruzou com o do Caio, e a fita da Jeanette caiu no chão.

A chuva começou fininha.

Eu sou muito louco mesmo.



COMO JÁ MENCIONEI, muitas histórias, reais e fictícias, são a meu respeito. Sem desvalorizar o papel dos amantes, é fato que a sentença “esta é uma história de amor” exprime melhor o caso que será contado do que “esta é a história de Fulano e Sicrano”. Sim, é óbvio, existem incontáveis fulanos e sicranos, e eu sou um só, com várias facetas, mas só um, eu, este aqui. Perdoe se isso soa arrogante de minha parte, e quando dou por mim já estou me colocando de novo no centro das atenções, não era essa a minha intenção, me perdi, me embolei, deixe-me tentar de novo.

Sou personagem de trilhões de histórias, reais e fictícias. Nas fictícias cabe a algum autor engendrar os acontecimentos do romance em questão. Nas reais, cabe a mim me infiltrar, me instalar, me espalhar, ficar ali bem quieto. E dar tempo ao tempo. E conceder uma chance ao destino. E deixar os hormônios dos humanos agirem. E dar um voto de confiança a Deus.

A intensidade da minha dedicação varia sempre. Nesta história que conto agora me dediquei insanamente, em parte porque era maio, em parte porque andava com minha autoestima um pouco prejudicada naqueles tempos de pós-guerra, em parte porque Caio sofria de tanta melancolia, em parte porque Maria Augusta era atraente demais para alguém com uma ambição igual à minha.

Nos dias que se seguiram àquele primeiro encontro, na Fonte da Saudade, Caio pensou em Maria Augusta nove vezes. Maria Augusta só parava de pensar em Caio quando dormia, e sonhava com Caio.

A primeira parte estava feita.

Agora era aguardar a sorte.



A SORTE nem teve tanto trabalho de aproximar um do outro, visto que Maria Augusta logo conseguiu obter com a Norma todas as informações acerca do irmão dela. Inclusive que eles moravam bem ali, pertinho do Colégio Sion, naquela ruazinha que ia dar no largo, de frente para a praça, num apartamento térreo. Detalhes: “Não sei o que foi que você viu nele, um chato que adora amolar os outros, e ainda por cima vagabundo, que isso fique entre nós, mas a mamãe sempre diz isso quando ele acorda tarde e perde aula...”. Finalmente, a questão principal: “Não, ele não tem namorada”.

Por sua vez, Caio demorou a ter coragem de perguntar à irmã sobre Maria Augusta; quando conseguiu, foi disfarçando o interesse: “Como é mesmo o nome daquela magrela, amiga da Ruth?”. Norma não era burra e garimpou os dados mais importantes: nome completo, idade, estado civil e a hora em que ambas saíam do colégio, meio-dia e quinze, com exceção das sextas. “Maria Teresa Augusta Izabel?”, ele fingiu o engano para se fazer de desatento. “Maria Augusta Teresa Izabel”, Norma corrigiu. Ele forçou um bocejo: “Eu, hein, que nome!”.

Na segunda-feira seguinte, Caio foi para a porta do colégio esperar a saída das meninas, mas como sempre foi uma criatura atrasada, chegou ao meio-dia e 38, dezoito minutos depois que Maria Augusta, frustrada, entrou no bonde, de volta para casa.

Na terça, Caio só se atrasou doze minutos. Viu Maria Augusta indo embora, de longe, sem ser visto.

Na quarta, ele foi mais competente. Ao meio-dia e dezessete minutos, lá estava ele em frente ao Sion, e quando Maria Augusta o

viu, ah, Maria Augusta, que desatino ela sentiu.

Ele a fitou com certa audácia, ela encarou um pouquinho, sorriu, desviou o olhar, e aí, caramba, já viu.



NA SEXTA-FEIRA que se seguiu ao grande encontro na porta do Sion, à tardinha, quando o Gerard sugeriu “Largo do Machado?”, Caio se apressou em opinar “prefiro a Fonte da Saudade”. Claro que o Gilberto não ia deixar escapar esta: “Ora, vejam, e não é que o Caio hoje está todo animadinho?”.

O sino da igreja tocou.

A Norma se aproximou correndo: “Vou com vocês!”. Começou o “vou, não vai”. Caio ameaçou: “Quer que eu conte pra mamãe que você disse que aquele quadro que ela pintou parece o belzebu de bigodes?”. A menina insistiu: “Azar o seu: eu não vou te apresentar pra Maria Augusta”. “Quem disse que eu quero que você me apresente pra Maria Augusta?” Assim que terminou a sentença, Caio se arrependeu por uns instantes. “A Maria Augusta?”, Gilberto riu com ironia.

Não. Caio não queria ser apresentado à Maria Augusta assim, por uma pirralha. Uma onda de certeza lambeu o seu coração, ele deu as costas para a irmã e chamou os amigos: “Vamos?”.

Os rapazes seguiram seu destino, a Norma ficou lá, berrando.

No início, eles iam calados, pensativos. Já tinham andado quase uma quadra inteira quando Gerard tomou coragem e mandou: “A Maria Augusta é bem bonita”.



RÉSPONDA LOGO  
VOLTE BEM DEPRESSA  
VOLTE LOGO - VOLTE LOGO  
VOLTE LOGO  
Rio, 18/10/51  
VOLTE LOGO  
Meu amor,

Só hoje, 5ª feira, é que estou recebendo sua carta, depois de dois dias de desespero, esperando notícias suas.

Aim trabalhar em consequia, pensando do que você tenha arranjado alguma boa, por aí.

Você fala do calor aí porque ainda não viu o daqui. Vou estar alagada, nem no rigor do verão em já ir dia mais quente. 2

Mudei de serviço, não estou mais informando aposentadoria, estou confirmando ordem de pagamento, que é 10 vezes mais exato.



O QUE ACONTECEU em seguida, na Fonte da Saudade, já estava mais do que previsto.

Maria Augusta nunca esqueceu nenhum detalhe dessa noite. Nem o vestido que estava usando, nem o sapatinho de verniz preto, nem o tom exato das cores da calça e da camisa do Caio, nem a voz do Frank Sinatra — *“Time after time/ I tell myself that I’m/ so lucky to be loving you”* —, vinda do radinho da Alcida, nem o momento em que Caio se aproximou e perguntou: “Por que hoje você não está de tranças?”, nem o motivo pelo qual não estava de tranças, ela jamais esqueceu nenhuma das palavras que os dois trocaram naquele dia.

Todas as moças e rapazes presentes foram testemunhas da minha habilidade. Perdão. Todas as moças e rapazes presentes foram testemunhas da habilidade de Caio e Maria Augusta encantarem um ao outro e se deixarem encantar um pelo outro. Acho que já deu para perceber que quando eu quero uma coisa... perdão mais uma vez. A noite foi perfeita.

Às dez em ponto, dona Tatina apareceu na esquina e gritou: “Maria Augusta!”.

Caio perguntou: “Posso pegar você no colégio na segunda?”.

E, a partir dali, para Maria Augusta, ir ao colégio significava esperar que Caio a buscasse no colégio. Até que buscar no colégio fosse pouco e aquilo acabasse, em 1<sup>o</sup> de junho de 1947, num beijo meio confuso, numa matinê do Cine São Luiz.

Não lembro qual era o filme.

Mas a Maria Augusta jamais esqueceu.

[BILHETE]

Caio, querido,

Me espera amanhã na saída do Sion? Preciso tanto falar com você que duvido muito conseguir dormir esta noite. Meio-dia e meia? Sem falta? Meio-dia e 25 estarei esperando.

Beijos,

Maria Augusta



NO APARTAMENTO térreo em frente à pracinha, a vida ia mais ou menos assim: dona Elza, mãe de Caio, pintava, escrevia, compunha e tocava piano, em meio a uma enorme confusão de telas, tintas, papéis e partituras. Era uma artista, com todas as conotações que “ser artista” carrega. Podia divagar horas a respeito de arte clássica ou moderna, dodecaфонia, poesia ou botânica. Suas pinturas impressionavam pela força dramática e também pela estranheza que causavam. Sim, sua obra era uma espécie de retrato da autora.

E seu Hippolyto? É difícil descrever seu Hippolyto sem parecer que estou cometendo exageros de bondade. Ele era um homem doce, ético e de caráter firme. Tinha uns olhos azul-mar e o hábito de nunca sair sem o chapéu, o charuto e um guarda-chuva. Trabalhava arduamente para que nada faltasse aos três filhos. Maria Carmen, a filha mais velha, aprendera com o pai as virtudes do caráter, da ética e do equilíbrio. Da mãe, herdara a paixão por arte e cultura. Norma, a mais nova, ia desabrochando com sua graça e seus olhinhos verdes sempre atentos às novidades.

Caio acordava tarde, sonhava acordado, perdia aula, jogava futebol com os amigos, passava noites insone conversando com sua melancolia; no outro dia acordava tarde de novo. E sempre que o pai se preocupava com isso, dona Elza defendia o filho. Ela nunca foi de esconder suas preferências.

[BILHETE]

Maria Augusta,

Não vou poder amanhã. O papai descobriu que eu tenho faltado ao inglês, e aí já viu. E justo amanhã tem prova. *Can you see me on friday?*

*Kisses,*

Caio



ENQUANTO ISSO, no apartamento da Fonte da Saudade, Maria Augusta morava com dona Tatina, sua mãe viúva, e a irmã mais nova da mãe, Maria Isabel, a quem ela só chamava de “A Titia”.

Fazia mais de dois anos que dona Tatina tinha ficado viúva. Parecia que fazia menos. Talvez porque ela já soubesse que existem sentimentos que não tem tempo que mude.

“A Titia” era uma moça linda que ficara literalmente para titia só para ajudar suas quatro irmãs mais velhas a criar os filhos. Todos os bebês da família dormiam muito melhor se aconchegados nos peitos da Titia. Quando viravam crianças e vinham com suas manhas, caíam na risada com os absurdos que ela dizia. Seu senso de humor era famoso. Maria Augusta aprendeu muito com ele.

Além da mãe e da tia, ainda havia Jeanette, a gata angorá mais sortuda que já existiu.

E a Gladys, irmã mais velha da Maria Augusta, que nem sempre estava no Brasil porque, por essa época, vivia um intenso romance proibido entre Rio e Assunção, no Paraguai.

Ainda bem que eu tenho este fôlego de leão e consigo dar conta de todas as minhas tarefas, não só na América Latina, mas onde houver algum *frisson* por aí.

POEMA PARA JEANETTE

Jeanette, seus olhos de ouro de cigana me matam

Jeanette minha Jeanette

Um amor mata o outro

Jeanette pela beleza dos olhos

Maria Augusta, 1939



PARA APRESENTAR o Caio à Jeanette, Maria Augusta inventou que a gata estava com febre e que, por isso, ia levá-la a uma benzedeira ali perto que, segundo diziam, curava doenças do corpo, do espírito e do esquisito. Dona Tatina respondeu que a garota não a fizesse de burra, pois ela sabia muito bem que ali tinha coisa. Maria Augusta

ameaçou um ataque de nervos, mas, sabiamente, sua mãe mandou um “ah, não me amola” e deu as costas.

Maria Augusta saiu de casa aos pulos, com a gata no colo. Quando dobrou a esquina, cantou teatralmente um trecho de sua opereta preferida, entre todas as da Jeanette MacDonald. E foi ao som de “Ah! Sweet mystery of life” que Caio conheceu sua rival felina.

“Vou puxar o rabo dela” foi sua primeira observação.

“Duvido!”, e Maria Augusta beijou o namorado com o calor que mocinhas apaixonadas costumam portar pelo corpo inteiro.

[BILHETE]

Caio, querido,

A mamãe e a Gladys vão sair às duas, portanto podemos nos encontrar lá pelas duas e dez, duas e quinze, é só o tempo de eu trocar de roupa (estou de camisola ainda para despistá-las) e correr, estou morrendo de saudades. A letra está torta porque escrevo este bilhete em cima da cama, e a Ruth está aqui rindo, pois já furei dois papéis, este é o terceiro, nem vou escrever mais senão a Ruth pode se atrasar e você não receber este meu bilhete a tempo de se organizar. Marcamos às duas e dez? Em ponto? Não se atrase, por favor.

Beijinhos,

Maria Augusta



LEMBRA QUE comecei este relato falando da minha sedução pelo proibido?

Não foi à toa.

A proibição do namoro de Caio e Maria Augusta, imposta pela dona Tatiana, despertou em ambos mais apetite. Esse truque é infalível desde o início dos tempos.

O temor da mãe não era infundado de todo.

Seu maior argumento — “este Caio é um vagabundo” —, apesar de conter um quê de verdade, não era o motivo principal da proibição. É que o motivo principal da proibição era abstrato

demais, e ela nem tentava explicar para alguém sua certeza de que aquilo não ia acabar bem. O pavor de dona Tatina se devia, em parte, ao temperamento inexplicável da filha, em parte a uma faculdade de pressagiar fatalidades, tantas haviam sido as fatalidades que visitaram sua vida.

Aos onze anos de idade, num estúpido acidente, deixara seu irmão cair no chão, queda que resultou na morte do bebê.

Aos quatorze, perdeu o pai e a mãe de uma só vez, num acidente de carro, e se viu com quatro irmãs mais novas para criar.

Aos dezesseis, casou-se com seu Horácio, um bom homem, bem mais velho que ela. Com ele, teve três filhos: Gladys, Herson e Newton. A tragédia seguinte não se atrasou muito. Seu Horácio enfiou uma bala na cabeça, em praça pública, deixando viúva a moça de 23 anos.

Foi aí que eu resolvi trazer novos ares para a vida da coitada. Um escritor jovem e charmoso sempre cai bem em casos como esse. Foi em cheio. Augusto e Tatina se apaixonaram perdidamente. Casaram-se de imediato e ele assumiu os três filhos dela como se fossem dele. Estamos na década de 1920. Isso virou um caso escandaloso, e ela, uma mulher malfalada. Fico pensando na confusão das cabecinhas daquelas três crianças, que cresceram rodeadas de felicidade, ouvindo o povo falar que aquilo era vergonhoso.

Anos depois, mais precisamente no dia 17 de janeiro de 1933, nasceu Maria Augusta, filha única do casal. A adoração do pai pela menina teve vários efeitos. O primeiro foi diretamente inverso: a adoração da menina por ele. O fato de ter crescido grudada num pai espirituoso, um libertário que discursava em palanques, traduzia Pirandello, era diretor de jornal e ainda escrevia livros, com certeza mexeu com as ideias, emoções e vocações de Maria Augusta. "O Augusto está estragando essa menina!", se queixavam a Titia, a Gladys e a dona Tatina. Eu não empregaria o verbo "estragar". A dedicatória que Augusto de Sousa Júnior deixou para a filha em seu livro *Enquanto a morte não vem*, publicado pela Livraria do Globo em 1939, comprova para mim que o destino pode ser tocado pela poesia.

[DEDICATÓRIA]

Maria Augusta,

Tu exigis sempre, minha filha, antes de adormecer, que eu te fale de países, cidades ou lugares distantes, que eu vi ou que conheci peregrinando através dos livros, e te diga da vida diferente (engraçada, ou triste, não importa) de pessoas que passaram ao alcance dos meus olhos. Pedes costumes diversos dos nossos e histórias mais interessantes do que as que se desenrolam diante da tua curiosidade maravilhada e sempre alerta. E para te ninamar, eu vou relembando coisas, que enriqueço com este pouco de fantasia que ainda me resta. Não me é difícil ser Sheherazade, assim...

A história que narro neste livro não é bem nos moldes daquelas com que te embalo o sono inocente todas as noites. Mas, como elas, tem um pouco do que vi e muito do que inventei.

É tua, portanto, como aquelas que só a ti eu conto. E tuas são igualmente as que escrevi e publiquei quando ainda não tinhas vindo, mas que ficaram à tua espera — como tuas já são as que farei, se é que as vou fazer.

Lendo-as — todas — mais tarde, quando as puderes ler, talvez te lembres dos pequenos romances ingênuos que eu improvisava e urdia para te fazer dormir quando tinhas seis anos.

E se, lendo-as, te sentires tocada de um pouco de piedade humana e pensares em mim com carinho, terei alcançado a glória mais comovedora que eu poderia ambicionar como escritor.



QUANDO AUGUSTO MORREU, tuberculoso, aos 39 anos, mais uma vez Tatina se viu sozinha. Sozinha e cheia de responsabilidades. Sozinha e cheia de temores. Decidiu sair de Porto Alegre e se mudou, em 1945, com a Maria Augusta e a Titia para o Rio de Janeiro, onde os filhos homens já moravam. A Gladys continuava vivendo na ponte Brasil-Paraguai, apaixonada.

Maria Augusta estava com doze anos e era aquela garota incomum. Agoniada. Alvorçada. Engraçada. Atrevida. Dramática.

As três foram morar na Fonte da Saudade.

O Herson já estava casado com a Ilsa e tinha três filhas, Vera Maria, Maria Tereza e Maria Elizabeth. A Titia dava conta de toda a garotada.

O Newton era um rapaz enorme, forte, atlético e bonito que provocava paixões desenfreadas.

Paro aqui e penso como é trágico e cômico isso de os humanos não conhecerem seus destinos. Não é de espantar que sejam tão desnorteados.

Em 1946, a Gladys e o Newton sofreram um sério acidente de carro em Copacabana. O conversível foi atingido em cheio num cruzamento e capotou duas vezes antes de parar num poste. O Newton morreu na hora. A Gladys ficou em estado gravíssimo. E qualquer um é capaz de entender a dimensão de tanta desgraça. É, dona Tatina. A vida já tinha lhe tirado um irmão, o pai, a mãe, dois maridos, um filho e ainda queria arrancar uma filha?

Gladys passou quatro meses entre a vida e a morte, até a vida vencer a batalha.

Como vimos, dona Tatina conhecia as tragédias de perto, era uma verdadeira expert no assunto e nada mais natural que farejasse mais uma.

[BILHETE]

Caio, querido,

Estou desesperada. Elas querem me mandar passar as férias em Porto Alegre! Tudo para nos afastar! Eu disse para a mamãe e para a Titia que se elas me obrigassem eu tomaria meio copo de arsênico, mas estou repensando. A morte por gás deve ser mais agradável. Preciso de um encontro extraordinário hoje ainda para a gente decidir o que eu faço. Cinco em ponto? Não se atrase! Tudo bem, cinco e cinco? Não se atrase!

Beijos,

Maria Augusta



AFASTAR UM CASAL que vive o auge dos entusiasmos é um recurso infalível.

Os dramaturgos chamam isso de “conflito”. Segundo eles, a qualidade dos conflitos interfere na qualidade das histórias. Como não sou dado a teorias, eles tiveram de aprender tudo na prática comigo. Depois, passaram a teorizar. Eu não tenho tempo para isso. É praticamente impossível se pôr no meu lugar, mas acompanhe o meu raciocínio. Se sua missão fosse aproximar as pessoas, muitas e ao mesmo tempo, por toda parte, você leria um manual sobre o assunto ou mergulharia de cabeça e — o que faz toda a diferença — de coração? No meu caso, tive que partir para a prática por falta de opção, mas também por livre escolha.

Virei um tipo de especialista em conflitos, preciso deles, são ferramentas. Dito assim, parece que sou calculista. Não se engane. Sou passional ao extremo.

Amores proibidos e amantes apartados me atiçam. E deixam os corações avariados. É quando os corações estão assim, tinindo, que eu vou e me instalo.

Porto Alegre, 8 de janeiro de 1948

Caio querido,

A fórmula teve que ser esta mesmo porque ainda estou muito estonteada para procurar outra. Pois é, ainda estou à mercê de lápis e papel (e da competência do Correio) para me comunicar com você, mas não será por muito tempo. Ou convenço as velhas de que fora do Rio posso morrer, ou desenvolverei alguma técnica de telepatia. O problema da telepatia é que poderemos nos comunicar, mas não poderemos nos olhar nos olhos e todo o resto. Vê se você acha uma fórmula mais romântica para mim.

Tenho muita coisa para lhe falar, apesar de ser hoje o meu segundo dia aqui.

Vou começar pelas coisas que aconteceram ainda aí no Rio.

Como você sabe, na véspera da minha vinda eu fui me encontrar com a Gladys no Centro, para irmos ao cinema. Quando estávamos na Cinelândia encontramos um amigo dela, lá de não sei qual embaixada, e paramos para falar com ele. Quando estávamos nos despedindo, descobri a sua amada e adorada Vilma, que vinha atravessando a rua. A cena foi a mais divertida possível. Mal ela me viu, se virou para uma velha que estava com ela e me mostrou para a velha. Eu não tive dúvidas: fui olhando para trás o tempo

todo, em direção ao cinema. Quando parei na fila do Pathé ela me passou à frente e ficou ela, então, virada para trás me olhando. Devia estar explodindo de raiva, bem-feito, porque sou eu a sua namorada.

A viagem, ao contrário do que eu esperava, foi ótima. Não enjoiei nada. Metade do tempo passei na cabine, conversando com o piloto. Adivinha o assunto?

Quando cheguei aqui, como havia planejado, comecei a chorar sem parar e todos tiveram pena de mim.

São três horas da tarde e tanto o tio Álvaro como a tia Marina estão dormindo. Eu vou aproveitar para ir pôr esta carta no Correio.

Talvez você não goste da cor do papel, mas era o único sem pauta.

Espero que você esteja se comportando bem e que sinta bastante saudade.

Quanto a mim, não preciso dizer que estou morta de saudades suas, pois você já deve imaginar.

Não espero o mesmo de você, mas ao menos você pode pensar em mim um pouquinho, não pode?

Segundo as minhas contas você receberá esta carta na outra sexta-feira. Se assim for, vê se me responde logo para pôr no Correio sábado, senão você só poderá pôr segunda-feira e vai demorar muito para eu receber notícias suas. Mas, por favor, meu bem, não deixe de responder. Eu morro de horror neste cemitério sem uma carta sua.

O meu endereço é: rua Jerônimo Coelho, 351.

O meu nome, creio que você sabe.

Maria Augusta

P.S. 1: Não esqueça que eu faço anos dia 17.

P.S. 2: Diga à Norma que amanhã vou escrever a ela.

RESPONDA LOGO!

Porto Alegre, 9 de janeiro de 1948

Caio, meu querido,

Se você já recebeu a carta que lhe escrevi ontem, deve estar espantado com esta, pensando que, mesmo de longe, eu não vou lhe dar folga.

Mas o caso pode ser explicado e você pode dormir em sossego. É que ontem, quando fui enviar sua carta, em vez de pôr na caixa de cartas aéreas pus na caixa de cartas simples. Hoje, indo ao Correio outra vez com a tia Marina para pôr uma carta para a minha casa, percebi o negócio e resolvi lhe escrever novamente.

Se você por acaso já a tiver recebido, não pense que foi golpe. Decerto eles perceberam e mandaram de avião.

Seja como for, já que estou lhe escrevendo, não custa nada escrever mais um pouco.

Tenha um pouco de paciência, eu lhe peço. Prometo não cacetejar muito.

O dia de ontem foi péssimo. Tive que visitar os parentes e me enjoei demais.

De noite, principalmente, pensei muito em você e fiquei triste. Tia Marina ficou até aborrecida pensando que eu não estivesse gostando da casa dela.

Hoje o dia foi melhor. De tarde fomos ao cinema ver *Código de honra*, que, aliás, detestei, e depois fomos lanchar nas Lojas Americanas.

De noite o Luiz Carlos, meu primo-irmão, veio me ver e me levou ao cinema para ver *A força do mal* e tomar sorvete.

Imagine que aqui às nove horas da noite ainda tem sol.

Você, que me acha magra, precisava vir a Porto Alegre. Perto das garotas daqui, meu bem, eu sou uma baleia.

Agora vou falar um pouco de você. Espero que você esteja sendo fiel à minha memória, que não tenha olhado muito para a Vilma (considere dadas várias cuspidelas) e não tenha saído com nenhuma guria. Mas, se assim for, mande me dizer. Me poupe de fazer papel de palhaça.

Domingo, principalmente, vou sentir muita falta sua. Pense em mim, ao menos um pouquinho, na hora em que você costumava estar comigo no cinema.

Na certa, eu vou ter uma crise de choro, como tive ontem de noite. Eu pensei que fosse mais fácil para mim me separar de você, mas tem sido duríssimo. Se eu continuar com as saudades enormes que estou sentindo não espero pelo carnaval. No final do mês mesmo eu vou para o Rio.

Engraçado é que aí no Rio eu às vezes passava mais tempo sem te ver, mas o simples fato de saber que estamos tão longe um do outro me apavora horrivelmente.

A tia Marina e o tio Álvaro disseram que se eu continuar a dar estes suspiros profundos eles vão ter que mandar buscar você, para dormir na garagem.

Vê se no meu aniversário (dia 17) você me passa um telegrama. Quando eu chegar aí eu o indenizo pelo prejuízo. Caso você não tenha recebido a outra carta, aí vai o endereço: rua Jerônimo Coelho, 351.

Lembranças a todos e para você um beijo bem grande da  
Maria Augusta

Porto Alegre, 10 de janeiro de 1948

Caio,

Se eu não receber nenhuma carta sua até o dia do meu aniversário, aguarde alguma das alternativas que se seguem.

1<sub>a</sub> — Eu morro.  
2<sub>a</sub> — Me mato.  
3<sub>a</sub> — Mato você.  
4<sub>a</sub> — Mato você e a Vilma.  
5<sub>a</sub> — Mato você, a Vilma, e então me mato.  
Maria Augusta

Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1948

Maria Augusta,  
Parabéns, parabéns, parabéns, parabéns, parabéns.  
E muitas felicidades.  
Muitas, muitas, muitas.  
Mais ainda!

Não escrevi antes por vários motivos, o principal deles é que perdi minha caneta-tinteiro preferida.

Ontem fui a um baile no Fluminense, com a Maria Carmen e o Zeíca (juro que nem vi a Vilma), e o Zeíca comentou comigo que acha você uma garota muito especial. A Maria Carmen também gosta muito de você e até contou para a mamãe que a minha namorada é adorável. Não sei se adorável é a palavra certa, mas a caneta está falhando, portanto encerro minhas palavras assim: parabéns, parabéns, parabéns e muitas felicidades.

Ah, e um beijo. Adorável.  
Caio



TUDO IA acontecendo como eu havia planejado.

Caio e Maria Augusta foram se envolvendo mais, e mais, e mais, e mais.

Se você me perguntar o que faz com que duas determinadas pessoas se entrelacem tanto e outras não se entrelacem nunca, confesso que não sei responder. Às vezes, consigo me infiltrar num casal até as tripas, mas, em geral, a coisa não vai e eu me mando. Nunca soube se são motivos genéticos, químicos, psicológicos, espirituais, só sei que sinto quando é a minha hora. Ali ainda era mais do que hora, era uma oportunidade de ouro, por isso me esmerei tanto nos anseios, botei muita lenha no fogo, me deslumbrei com as minhas firulas, exercitei até as últimas

consequências todo o meu talento, esse talento todo que tenho para... opa, me empolguei.

Como ia dizendo, Caio e Maria Augusta foram se envolvendo cada vez mais no ano de 1948.

Ela logo inventou um álibi para se encontrar com o amado às escondidas: fingia que ia levar a pequena sobrinha, Vera Maria, para passear. Havia o inconveniente de namorar com uma criança ao lado, mas havia o conveniente de namorar. Caio e Maria Augusta distraíam a menina com jujubas e pipocas, e assim os beijos tinham algum sossego. A família engoliu a desculpa por uns tempos, até o dia em que Vera Maria se aborreceu com Maria Augusta e ameaçou: "Olha que eu conto aquilo". "Aquilo o quê?", perguntou dona Tatina. A menina respondeu: "Não posso dizer, prometi ao Caio que não ia sequer falar no nome dele". E o álibi faliu.

A dificuldade de inventar novas desculpas só aumentava a vontade de inventar novas desculpas. E assim a Maria Augusta foi aguçando sua criatividade e seu poder de sempre conseguir o que queria.

Mas bastava começarem as férias de verão e sua mãe já mandava Maria Augusta para Porto Alegre, num exílio que sempre me beneficiava.

Serei eternamente grato à dona Tatina. Por essa e por tantas outras.

[TELEGRAMA]

Porto Alegre, 8 de janeiro de 1949

Cheguei bem pt mentira pt estou péssima pt me escreva logo pt  
Maria Augusta

Porto Alegre, 14 de janeiro de 1949

Caio,

Estou há mais de duzentas horas esperando algum sinal da sua existência e já começo a achar que você é apenas imaginação minha.

Eu devo ser mesmo muito imaginativa para imaginar alguém tão sem coração quanto você, se é que você existe e está me deixando sofrer assim.

Se não chegar nenhuma notícia até amanhã vou ter que aceitar que, se você existe, não liga a mínima para mim.

## Maria Augusta

Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1949

Maria Augusta,

Desculpa não ter escrito antes.

Confesso que tenho feito muitas farras, apenas farras, só com os amigos, assim tenho ocupado as minhas noites.

Toda vez, no dia seguinte, a ressaca se mistura com as saudades suas e com o meu conhecido nó no peito. Como não tenho capacidade para morrer, tento dormir os dias inteiros.

Mas é nas altas madrugadas, quando chego em casa, que me deixo carregar por perguntas, perguntas, perguntas. Ando estranho. Como se eu não fosse eu. Mas será que alguém é quem pensa ser? Estou filosofando demais, não é? Mas a madrugada vai alta e o luar está me provocando, ou então são apenas as seis doses que eu tomei.

Beijos, mil beijos, alguns deles atrevidos,  
Caio

Porto Alegre, 23 de janeiro de 1949

Caio querido,

Já tentei escrever esta carta duas vezes, esta é a terceira, mas tem sempre algo que não me agrada.

Peço-lhe mil desculpas pela carta rabugenta que lhe escrevi, mas você não imagina como eu estava nervosa.

Mesmo depois de receber a sua carta, levei um tempo enorme para abri-la, com medo de que fosse alguma coisa ruim.

Esta carta você não precisa me responder, porque eu vou para aí esta semana.

Sim, resolvi voltar antes. Como você sabe, eu pretendia ficar mais tempo aqui, mas, além das saudades suas, que são enormes, há ainda vários motivos, que lhe contarei pessoalmente, que me fizeram adiantar a viagem.

Será que você pode me telefonar sexta-feira de noite? Faça o possível para não se esquecer, sim?

Ontem eu fui ao cinema com a Lúcia, uma amiga minha, mas não aguentamos o filme e saímos na metade. Ainda bem que o programa era duplo, com *Casablanca*, que levou primeiro e que, apesar de ser velho e eu já ter visto, é bom e dá para ver duas vezes.

Estive de cama dois dias, na semana passada, com uma gripe horrível. Aqui está fazendo um frio que até parece inverno.

Escusado dizer que eu não quero nem pensar na farra que vocês devem ter feito em São Paulo. Em todo caso espero que as viagens parem por aí e

que, quando eu chegar, vocês não inventem de ir passar uma semana em Caixa-Pregos, ou coisa que o valha.

Como você deve ter notado, eu comprei este papel de acordo com a época: pré-carnavalesca. Mas a mulher fez tamanho discurso, exaltando a beleza, o encanto e a qualidade do dito-cujo, que eu comprei só para ela calar a boca.

Daqui a pouquinho tenho que parar de escrever para ir visitar um tio da Gladys que tem 86 anos. Eu aqui só ando com gente velha.

Vou lhe mandar dois retratos meus para você ver se eu não estou mais gorda. Estão horríveis. Num estou branca, até pareço pintada com farinha de trigo, e o outro foi tirado em casa e está muito escuro. Mas o tio Alvinho tirou especialmente para eu mandar para você, de modo que se eu não mandar é falta de consideração para com ele. Vou parar de escrever, porque tenho que me arrumar para sair.

Não se esqueça de me telefonar na sexta-feira. O avião sai daqui às duas e meia da tarde. Quer dizer que às seis e meia eu já devo estar em casa. Me telefone a qualquer hora, depois disso. E domingo você vai ao cinema comigo, não vai?

Lembranças a todos na sua casa.

Para você, retribuo os mil beijos (plagiados) que você me mandou. Quando chegar aí dou pessoalmente (na testa, naturalmente, conforme disse a Norma aquela vez). Até sexta-feira.

Maria Augusta

P.S.: O "querido" no prólogo foi devido à tentativa (malsucedida) de me convencer de que você sentiu saudades minhas.

P.S.: Um dos outros motivos de eu ter adiantado a viagem foi que uma amiga da Gladys chegou dos Estados Unidos, me trouxe os últimos discos do Frank Sinatra, que saíram lá, e eu estou doida para ouvi-los.



NEM SEMPRE alcançamos nossos objetivos com tanta exuberância.

Quanto eu me empenhei nas separações forçadas, nos reencontros, nos encontros furtivos, nas sessões semanais de cinema, quando as mãos, os braços e as bocas do casal bailavam, para que o romance vingasse e ali estava ele, em puro esplendor.

As amigas de Maria Augusta faziam parte dos planos mirabolantes que ela inventava para ver o Caio, por isso estavam sempre por

perto. Seria um típico namoro escondido da década de 1940, se o casal em questão se enquadrasse no que a palavra *típico* evoca.

Até que foi surgindo um novo fator: o ciúme do Caio.

Pausa para esclarecimento.

A responsabilidade de disseminar ciúme entre seres apaixonados é sempre colocada em mim. Reconheço que, depois de capturar os corações, é meu dever mantê-los bem-alimentados. Mas posso até jurar, se preciso for, que o ciúme não é apenas da minha jurisdição. Aliás, nem tenho tanta atração assim pelo ciúme e me incomodo quando ele vira fera. Compreendo, respeito, acho que cada qual é como deseja ser. Até admiro sua habilidade para envenenar as pessoas, agora, uma simpatia especial pelo ciúme juro que não tenho. Adoro minha liberdade de ir e vir, adoro a liberdade em geral, sou um liberal. Se quem ama resolve tolher a liberdade alheia, isso tem a ver com quem ama e não comigo. Não pense que estou me fazendo de bonzinho. Admito que muitas vezes uso o ciúme a meu favor, porém o ciúme não precisa de mim para existir, assim como eu não preciso dele. Digamos que formamos uma bela dupla. Sim, formamos.

Voltando ao ciúme do Caio. Era imenso. Ninguém entendia os porquês do rapaz, uma vez que Maria Augusta era tão desesperadamente só dele. Eu prefiro não opinar sobre isso. Sei do que sou capaz. Posso provocar alucinações, pensamentos obsessivos, arroubos insanos, sei atíçar sextos, sétimos, oitavos sentidos e tudo mais. Pouco importam para mim as razões alheias, nem razão alguma, vou pela emoção. Chega uma hora em que deixo os outros fazerem o que for de seu agrado, não sou de julgamentos, não tenho nada com isso, enfim, deixa para lá.

Só sei que o imenso ciúme do Caio se tornou mais uma de suas características, assim como o hábito de assoviar, as pernas compridas e toda aquela melancolia.

Mesmo já tendo começado grande, o ciúme ainda conseguiu aumentar com o tempo, até que o Caio deu para cismar com qualquer detalhe que envolvesse o cotidiano da namorada. O jeito estabanado de Maria Augusta existir, que tanto o atraía, passou a causar incômodo. As amigas da Maria Augusta, que antes pareciam

mocinhas engraçadas, iam se transformando em servas do demônio. Então ele começou a pedir que Maria Augusta evitasse as amigas, as rodas, as ruas. E qualquer atitude dela em público soava ameaçadora. Em suas divagações noturnas, o lado mais paranoico do Caio julgava tudo e condenava as gracinhas espontâneas como se fossem perigosas seduções. Seu lado mais romântico, no entanto, sorria por dentro, orgulhando-se de tamanha graça numa só pessoa, justo a pessoa que ele amava.

Vinha ficando confuso o Caio.

Isso de morder e assoprar é bem coisa do ciúme mesmo.

[TELEGRAMA]

Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1950

Espero tenha tido boa viagem pt se cuida pt juízo pt

Caio

Porto Alegre, 4 de janeiro de 1950

Caio querido,

Para sua felicidade, esta carta vai ser curta porque a tia Rosina quer sair daqui a dez minutos e eu vou com ela, assim aproveito e já coloco esta carta para você hoje, para reafirmar todas as promessas.

Prometo, meu bem, que não vou mais fazer "as coisas que você odeia". Juro pela vida da Jeanette que nunca mais você vai ter motivos para reclamar. Concordo que você tinha razão quando dizia que eu estava muito alvoroçada e tudo o mais. Por você, meu querido, eu sou capaz de tudo, você já deve ter percebido depois do episódio — aquele em que pulei a janela do seu quarto —, e mesmo que sua mãe tenha levantado a caluniosa hipótese de eu ser louca, não me arrependo, já que você não queria me atender nem me ouvir por meios mais civilizados.

Não vou dizer "eu te amo" porque creio não ser necessário, você sabe muito bem que eu te amo, eu te amo, eu te amo, eu te amo. Não posso mais dizer nenhum "eu te amo" porque a tia Rosina já está gritando por mim na porta.

Beijos,

Maria Augusta

Eu te amo!

Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1950

Maria Augusta,

Ando meio mais ou menos.

O papai ficou muito triste porque eu fiquei para segunda época, ficou até irritado, por mais que pareça impossível que ele chegue a se irritar.

Ontem fui com a Maria Carmen e o Zeíca a uma festinha que estava tão chata que eu tive que beber além da conta. Estou de ressaca.

A Norma, que está mesmo namorando firme o Zé Maria, não para de me encher o saco, repetindo que meu mau humor se chama "saudades da Maria Augusta". Gostou?

Tenho ido dormir sempre com o sol brilhando e nem ler tenho conseguido direito. Ando com aquele nó no peito, justo aquele, "o feroz", mas leve em conta a culpa que estou sentindo em relação ao papai e chega de falar de chatice.

Espero que você pense com carinho em tudo que falei na nossa última discussão, foi tudo sincero. Estou temeroso por nós dois.

Eu acreditei, Maria Augusta, no que você disse de não procurar mais a Ruth, mas eu queria, mais uma vez, esclarecer este ponto: eu não quero, nem nunca quis, que você deixasse de falar com a Ruth somente por cisma, teimosia ou para impor a minha vontade. Eu sempre desejei que você viesse a compreender e, de vontade própria, procurasse evitar a companhia dela, pela má influência que ela poderia ter sobre você. Claro que o meu ciúme me faz ver tudo o que acontece com você sob um prisma amargo, logo eu, que gosto de divagar a respeito da liberdade. Mas tem o outro lado: já estamos maduros o suficiente para aceitar que essas coisas acontecem. As pessoas são vulneráveis.

Não pense que eu quero criar em você um complexo de culpa. Longe disso, eu sei, e tenho me lembrado muito, até com pesar, que, seja como for, quando eu te conheci, você era uma menina pura e inocente.

Na época em que nós nos conhecemos, meu bem, eu tinha ideia de, caso pegasse uma garota que gostasse de mim, aproveitar-me dela quanto pudesse. Ideia de jerico, aliás. Nunca me aproveitaria de ninguém, mas, se o fizesse, melhor seria com as que não gostassem de mim, não é tão claro? Mas não tive coragem, Maria Augusta, ante tua inocência, de fazer nada com você. Foi a primeira das poucas vezes que eu cedi à razão.

Mas tudo é loucura, não é você mesma que diz? E temos que respeitar as maluquices dos outros. Enquanto não pudermos solucionar os problemas que todos temos, em nós mesmos, como poderemos solucionar os que afetam a ambos, alguns até decorrentes dos primeiros? Isso não é um receio injustificado da minha parte, é por essa razão mesmo que ainda outro dia eu disse que a mulher é egoísta no amor. É, a mulher acha que basta gostar de um fulano, que tudo dará certo porque acha que ama, e pronto, esse mesmo amor a redime de tudo. Mas não é assim não, meu bem, creia nisso.

Eu não sabia que era capaz de escrever um ensaio sobre reações psicológicas e autorreflexões sobre um determinado tema moral, ou espiritual, consubstanciadas na experiência (dezoito anos) e na busca da verdade, anseios próprios de um artista. Ih, aiiiiii! (Bem que eu disse aí em cima que tudo é

loucura, porque, ao reler esta carta, eu pensei que não tem nada disso, que tudo são palavras sem sentido, e não sei.) Agora me diga, onde está a verdade? Acho que só em Deus. E quem é Deus e onde está?

Tudo é mistério e eu não posso julgar nada, nem ninguém, isso é certo. Chega, que são três e vinte.

Divirta-se por aí, mas nem tanto, e saudações a todos.

Muitos beijos, meu bem.

Caio

P.S.: Faço votos que seu primo Luiz Carlos pegue uma boa gripe.

[TELEGRAMA]

Porto Alegre, 10 de janeiro de 1950

Não fica assim meu amor pt fica feliz pt eu te amo pt me manda um telegrama no meu aniversário pt ou então eu morro pt

Maria Augusta

[TELEGRAMA]

Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1950

Feliz aniversário Maria Augusta pt saudades pt

Caio

Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1950

Maria Augusta, meu amor, minha luz, minha vida,

Se eu terminasse a carta por aqui, você já poderia ficar satisfeita. Em todo caso, mando-lhe mais algumas notícias.

Recebi carta sua hoje, mas esperava receber junto um retrato seu e você se esqueceu. Espero que meu telegrama tenha chegado aí, se não chegou, o destino roubou, pois eu juro que mandei, e além de "Feliz Aniversário, Maria Augusta", eu ainda escrevi "saudades", mais oito letras, para você não dizer que eu sou avarento, ou preguiçoso, ou que não sinto saudades suas.

Tenho pensado muito nas nossas últimas desavenças e ora acho que o ciúme tem me envenenado além da conta, ora penso que tenho razão nas inquietações que tenho sentido. Por mais ingênua que seja a sua espontaneidade, o mal anda à solta, e essa sua intensidade toda corre o risco de ser mal interpretada. Em seguida, volto a achar que ando desconfiado além da conta com o ser humano, por interferência de doidices, depois penso o contrário de novo, e *ad eternum*.

Ontem, quando fomos roubar o carro do Gerard para ir à Paissandu (não fui eu quem quis ir à Paissandu, foi o Gilberto), a mãe apareceu na janela e nos pegou em flagrante, e aí já viu: a rua inteira descobriu nosso truque e agora só nos resta o loteamento. Sem falar que o pai do Gerard, lógico, ficou uma fera.

Fora isso, tenho aproveitado as férias, e depois de amanhã quem faz aniversário sou eu. A Maria Carmen e a Norma estão loucas para fazer uma festinha, mas o papai disse que este ano não (por causa do fatídico caso "pai do Gerard"). Ainda bem, só assim não vou precisar aguentar as chatas das minhas primas.

O assunto acabou e eu não sei se copio um trecho de um livro, para você depois não reclamar que eu escrevo pouco, ou se conto com a sua boa vontade em levar em conta meu esforço.

O começo da carta já deve ter valido, não?

Beijos,

Caio

P.S.: Ontem encontrei a exibida da Ruth.

[TELEGRAMA]

Porto Alegre, 20 de janeiro de 1950

Parabéns meu amor pt não esqueça que eu existo pt

Maria Augusta

Porto Alegre, 23 de janeiro de 1950

Meu amor,

Você não pode imaginar a alegria que eu senti ao receber a sua carta. Eu dava pulos e me pendurava no pescoço das minhas primas que estavam aqui visitando a tia Rosina.

Elas ficaram admiradas de me ver assim, pois nos últimos dias eu andava abatida. Também as saudades de você eram tantas que eu não aguentava. Ontem fui ao cinema com a Vera e chorei o filme todo sem razão, pois o filme era *A filha do comandante*, que não tem nada de triste. Eu só sei que eu senti uma falta horrível de você, mais do que nunca, e só pensava em voltar para aí o mais rápido possível para abraçá-lo e beijá-lo muito, meu amor.

Entre outras coisas que esta viagem me fez de bom: eu me regenei. Está vendo que estou cumprindo todas as promessas? Fui segunda-feira no Seigné, que era o meu colégio quando morava aqui, e me confessei com o frei Antônio. (Como você vê, estou com boas intenções de, desta vez, manter aquele nosso trato, custe o que custar.) O frei Antônio é um capuchinho bem velhinho, de barbas brancas. Ele foi muito bonzinho para mim, só me chamava de "minha filha querida", e disse que eu era "uma alminha muito boa". O meu pecado que mais o escandalizou foi não ir à missa.

Acabei neste minuto de reler a sua carta. Foi, aliás, a primeira vez que li sozinha e com calma. Eu sinto muito, meu amor, não saber expor minhas ideias como você, mas quero repetir mais uma vez que cada minuto que

tenho passado aqui, longe de você, eu sinto que te amo mais e quero voltar logo para aí bem depressa e fazer tudo que estiver ao meu alcance para vê-lo feliz. Prometo não sair mais com a Ruth e a Alcida nem ficar "de plantão na esquina do Sion", como você dizia. "Dizia", está vendo como por mim o trato já está cumprido?

Você tem tido saudades minhas, meu querido? Domingo de tarde, que eu não estou aí para sair com você, você pensa em mim?

Você não sai do meu pensamento nem um minuto. Desde que levanto até dormir eu só tenho cabeça para pensar em você. Esta semana, antes de receber a sua última carta, foi um inferno. Eu me continha os dias inteiros, mas de noite chorava de encharcar o travesseiro. Mas deixe-me mudar de assunto, que eu não quero aborrecer você.

Minha viagem está marcada para o dia 5. Tia Marina e tia Rosina vão me dar a passagem em sociedade. Vou levar as duas garrafinhas de champanhe do avião para tomarmos juntos aí. Só penso nisso.

Milhões de beijos bem grandes da  
Maria Augusta

P.S.: Eu não reli a carta, pois não costumo fazê-lo. Fico achando ridículo o que escrevi. Apesar de não tê-la relido tenho o palpite de que está sem pé nem cabeça, pois eu demorei muito entre um assunto e outro, procurando como me expressar, e perdi o fio da conversa.

Beijos,  
Maria Augusta

Responda logo, senão a carta chega depois de eu ter ido.

Porto Alegre, 30 de janeiro de 1950

Meu amor,

Estou às portas da morte por sua causa.

Ontem fui jantar fora sozinha (sozinha exatamente não, fui com a Vera) e, como estava muito desgostosa porque você não tem escrito, resolvi beber.

Antes do jantar, bebi uma coisa para dar fome, durante o jantar, três copos de vinho, e depois do jantar oito cálices de licor de cacau.

Fiz um feio "horrrível", em vez de "alegre" fiquei triste.

Quando cheguei em casa, à meia-noite e meia, caí na cama e dormi sem nem tirar a roupa, mas o meu sono durou pouco. Acordei às quatro da madrugada e não dormi mais.

Às seis e meia quis levantar e quase caí. Vi tudo rodando e me deu um enjoo horrrível. Estou de cama, vendo a hora de botar as tripas para fora. Não sei como é que você pode beber se no dia seguinte vem "esta coisa" horrorosa. Meus olhos parecem ter areia e as pálpebras pesam 100kg cada uma. Mas isso é de chorar, não é da ressaca.

Imagino que, ao contrário de mim, você deve estar muito feliz aí, e provavelmente comemorou o seu aniversário em grande estilo, tanto é que nem tocou no assunto. Você saiu com a turma? Certamente. Comemorar em casa, com a sua mãe, o seu pai e as suas irmãs, é que você não ia escolher.

Recebeu minha carta? E meu telegrama? Caso não tenha recebido, repito o texto: "Parabéns, meu amor, não esqueça que eu existo".

Sendo assim, não esqueça que eu existo.

Desculpe a letra, mas, no meu estado, e com esta caneta, não sai melhor.

Beijos,  
Maria Augusta

RESPONDA LOGO

RESPONDA LOGO

RESPONDA LOGO



ASSIM QUE completou dezoito anos, o Caio declarou que ia abandonar os estudos para trabalhar. Todos, menos a Maria Augusta, acharam que a decisão era uma opção pela vagabundagem.

Ainda assim seu Hippolyto pagou para ver. Caio começou a ir diariamente ao escritório do pai, na rua do Lavradio, na Lapa, onde desempenhava a função de faz-tudo. Era uma empresa de representação de embalagens de papelão, um negócio bem do sem graça, se comparado com o meu, por exemplo. Para surpresa geral, o rapaz não só acordava no horário e ia feliz da vida como passou a se interessar especialmente pelo trabalho. Seu Hippolyto mandava o filho frequentemente a São Paulo e Campinas para visitar fábricas de papelão, estagiar no ramo de vendas, estudar. Aprendia rápido. Em pouco tempo ele foi promovido a vendedor. Um estudioso o Caio. Quem diria?

É óbvio que Maria Augusta aproveitou o inesperado fato para tentar convencer dona Tatina de que tinha um namorado trabalhador. Toda vez ouvia como resposta: "Você não vai me convencer que tem um namorado trabalhador enquanto não conseguir me convencer que tem um namorado".

Campinas, 1<sup>o</sup> de setembro de 1950

Meu amor, minha querida,

Já são duas e meia da tarde e vou pegar um ônibus para São Paulo daqui a pouco. Tem ônibus de dez em dez minutos e a viagem é boa. Devo voltar amanhã à tarde, ou à noite. Tenho pensado muito em você (é verdade, sim) e vou te escrever sempre que possível. Se você estiver com a Norma, mande-a explicar ao papai por que não tenho escrito e dizer que vou bem na fábrica. Diga também a ele que me mande dinheiro, que viver sozinho numa cidade estranha não é fácil, não. Meu endereço aqui da pensão eu nem sei direito, e para responder para mim é melhor escrever para a casa do meu primo: rua Joaquim Novaes, 177. Não sei até quando vou ficar aqui, o mais provável é até mais ou menos o dia 30 de outubro. Devo estar aí mais ou menos, tomara que seja menos (estou ficando maluco, só falo em voltar), dia 5. Me conte as novidades todas, numa carta bem grande.

Para que você não se engane: eu vou botar esta carta no Correio em São Paulo, mas o endereço do meu primo é daqui de Campinas. Mas quando você não souber ao certo onde estou, se eu for para Limeira e não puder te avisar, me escreva para São Paulo, rua Albuquerque Lins, 860.

Sem mais, por ora, subscrevo-me etc. etc.

Beijos,

Caio

Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1950

Meu querido,

No dia que você foi embora, fiquei inchada de tanto chorar. A mamãe tinha engolido o negócio da missa do sétimo dia e ficou de me acordar às sete e meia. Meu plano era chegar na rodoviária às oito e vinte, porque sabia que seu ônibus ia sair às nove e tínhamos tempo de nos despedir, mesmo contando com o seu atraso. Como eu estava nervosa, tomei uma pílula para dormir. No dia seguinte, a mamãe foi me chamar e eu não acordei. Ela ficou com pena de me tirar da cama tão cedo e achou melhor me deixar ficar dormindo e depois eu passar um telegrama. (E eu, que tinha inventado um defunto, agora vou ter que inventar a sobrinha dele, com endereço e tudo.) Quando acordei já eram oito e 35. Fiz uma cena que você não pode imaginar. Aliás, eu acho que você pode imaginar.

Só me resta rezar para você aprender tudo que tem que aprender na fábrica daí e voltar logo para cá. Ou será que eu vou ter que inventar um defunto em Campinas para poder ir aí ver você?

Aqui continua tudo igual, a Gladys está no Paraguai, o Herson e a Ilsa foram finalmente passar uns dias em Porto Alegre e as meninas estão aqui em casa. Eu achei muito bom, porque me distraio com elas. Estou mandando

retratos para você ver como a Maria Tereza e a Maria Elizabeth estão cada dia mais idênticas.

Fiquei de marcar um cinema com a Norma, mas ela anda sem tempo. Vou ver se a Maria Carmen e o Zeíca têm pena da abandonada aqui e vamos a um teatro.

Tomara que este mês seja meu amigo e passe logo.

Não paro de contar os dias, coisa que alonga ainda mais o tempo, por isso, melhor mudar de assunto na cabeça. Vou tentar ficar relembrando cada beijo seu desde aquele abençoado 1º de junho de 1947, assim, pelo menos, se o tempo emperrar, emperra em um beijo.

Te amo,

Maria Augusta

Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1950

Meu amado, meu querido, paixão da minha vida, por enquanto chega.

Ainda tenho muitas palavras de amor guardadas a sete chaves para lhe dizer. Mas só o farei se você me prometer:

1 — Escrever todos os dias.

2 — Evitar brotinhos.

3 — Só pensar em mim.

4 — Só parar de pensar em mim para elaborar formas de evitar os brotinhos.

5 — Escrever todos os dias.

Não vou nem dizer que choro de saudades os dias inteiros enquanto não recebo carta sua, amor da minha vida. Desculpa, saiu sem querer.

Atenciosamente,

Maria Augusta

Campinas, 14 de setembro de 1950

Maria Augusta,

Recebi sua carta e adorei os retratinhos.

Ainda não resolvi se vou para São Paulo hoje ou amanhã, para não gastar muito dinheiro. Mas, em todo caso, em Campinas não tem graça. Tem uma festa da Escola Normal, amanhã à tarde, e como tem garotas espetaculares aqui eu quero fugir da tentação indo para São Paulo. Lá eu me distraio indo ao cinema.

Se você estiver com a Norma, diga para ela dizer ao papai, à mamãe e à Maria Carmen que de agora em diante a família vai se orgulhar do trabalhador aqui. Era bom que a dona Tatina também ficasse sabendo que tenho acordado às seis da manhã para não chegar atrasado.

Aliás, falando de minha ilustre pessoa, eu já aprendi bem tudo o que precisava na fábrica, agora é só pegar a rotina de escritório, na fábrica mesmo, e

ir para São Paulo conhecer o movimento de vendas. Mesmo passando mais uma semana em Limeira para conhecer a fabricação lá, eu poderia perfeitamente voltar antes do dia 20 deste mês, mas acho que o pessoal aqui não compreende que os cariocas não são tão burros.

Vou ver se ponho esta carta no Correio amanhã cedo. Se você responder logo, o que é provável, o mais tardar sexta-feira receberei tua resposta, e sábado te escrevo outra vez, já que é mesmo um dia em que eu tenho o tempo livre. E fica nisto, eu lhe escrevo sábado e você me responde terça-feira. Mas vê se fala mais de você mesma, o que tem feito, quantos quilos aumentou, quantos centímetros cresceu e, em todo caso, mande-me outro retrato para eu poder julgar melhor os progressos alcançados.

Quanto a mim, já vi que meu destino é morrer magro. Tenho levado a vida mais "família" possível, tenho comido mais do que nunca e acho que ainda não engordei meio quilo. Também o luar faz falta, e como não me é possível levar esta vida sadia, não tem mesmo jeito.

Bom, já são dez e meia e estou morto de cansado e de sono, e amanhã vou acordar cedo.

Do seu [desenho de coração]

Eu tinha começado esta carta de tarde e, depois, entrei na fila do chuveiro, pois a água se enganou e apareceu por aqui. Se eu não fosse à casa do meu primo, teria passado todos esses dias sem tomar banho, pois aqui na pensão só tem água de dia ou quando eu não estou. Não pense que nesse interregno (bonito!!!) eu estive vendo as boas. Fui jantar na casa do Raul.

Então, boa viagem para esta missiva e, para você, um bilhão de beijos,  
Caio

Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1950

Caio,

O "querido" foi suprimido diante do seu pouco romantismo.

Eu mando cartas, telegramas, recados, telefone, nunca te encontro, e você é incapaz de pensar que eu estou aqui preocupada com você?

O seu pai disse que você vai bem, e está muito ocupado, que eu preciso entender, mas, sabendo como eu sou, entenda que o meu entendimento tem limite.

E quando não está trabalhando? Está se divertindo? Está caindo "em tentações"? Ou fica na fábrica 24 horas por dia?

Eu vou ter que ir aí, pegar uma caneta e colocar na sua mão? Espero que não.

Me escreva,

Maria Augusta

Campinas, 30 de setembro de 1950

Maria Augusta,

Só hoje te escrevo, pois não tive nem um minuto livre até hoje. Exatamente como o papai te disse. Espero que você me responda sem zangas e que acredite não haver má vontade minha.

Tenho acordado todos os dias às seis da manhã e fico na fábrica até as cinco e meia da tarde. Estou morando numa pensão horrível, o calor está de matar (e falam do calor aí do Rio). Ando cansado de trabalhar e logo depois do jantar vou dormir. Ainda bem que os dias passam depressa, pois passo o tempo todo ocupado. No mais, não tenho novidades, e mesmo tendo aqui uns brotinhos bem interessantes nem olho direito para as suas caras. Portanto, não se preocupe.

Em São Paulo, sim, é que no tal centenário da Baronesa, um elemento (risca a palavra "feminino") feminino tomou conhecimento da minha pessoa, decerto supondo que eu era algum Matarazzo. O Zeíca também foi notado, mesmo sem desgrudar da Maria Carmen, por aí você imagina. Também não tinha quase rapazes na festa e, com exceção de nós, eram todos "paulistas". Sim, porque a turma daqui é um perigo. Descobri uma "prima" minha e, pelo jeito, ela gostou muito do priminho. Mas não liga para isso, pois eu não lhe dei chance. Hoje vou a São Paulo para ver se vou ao cinema, pois os filmes que estão passando aqui meu bisavô gostou muito.

Beijos,  
Caio

Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1950

Querido Caio,

Inicialmente, devo dizer-lhe que você não merece ser chamado de "querido" porque a sua carta começou parecendo que você estava escrevendo para uma firma comercial tratando da compra de um imóvel em Jacarepaguá. Em todo caso, eu o perdoo atribuindo isso à sua falta de imaginação.

Fiquei satisfeita de saber que você ainda não olhou para a cara dos brotinhos, mas eu queria muito saber se também não olhou para o resto. Não se esqueça da promessa que me fez, a respeito das intenções.

Não gostei absolutamente da história da sua prima, mas como a esta hora ela já quebrou o pescoço, não tem importância.

Eu já estava aflitíssima com a demora da sua carta. Todo mundo me amolava dizendo que era o cúmulo você não ter ao menos me telegrafado para dizer que chegou. Finalmente (eu estava no trabalho), a Vera Maria telefonou para dizer que a sua carta tinha chegado. Eu fiquei desesperada de saber que só às cinco ia poder lê-la. Trabalhei feito uma louca para o tempo passar depressa. Informe-me oito aposentadorias (o normal são cinco).

Se você não entender o que eu estou falando, não repare, pois estou na casa da Ruth e a Alcida está aqui puxando conversa comigo, não me deixando coordenar as ideias. Ela está fazendo meu desenho e pintou o céu de cor de burro quando foge, e se ofendeu porque eu não compreendi que era céu.

Domingo passado eu fui à ópera com a Gladys, vimos *La traviata*. Estava horrível. O tenor parecia um elefante engravatado. Em todo caso, foi melhor do que se eu tivesse ido ao cinema. Eu ia chorar feito louca.

Você não mandou o nome do seu primo, mas a Maria Carmen falou que era mais gentil eu mandar "aos cuidados" dele e me disse que ele se chama Fernando.

Você tem que voltar logo, que eu não aguento mais isto aqui sem você. Quando eu acordo e penso quanto tempo você vai passar aí, me dá vontade de deitar outra vez e só acordar no dia que você chegar.

Ontem eu vi a sua querida Vilma. Pensei que ela tinha morrido, porém, para grande infelicidade minha, estava viva, ainda respirando.

Na próxima sexta você vai para São Paulo?

Milhões de beijos,  
da Maria Augusta



AS PESSOAS mudam, as histórias andam e eu decidi mudar de tática.

Amores proibidos dão bons começos, mas chega uma hora em que é conveniente promover a proximidade dos amantes, aproximar, aproximar, aproximar.

O ilustre jantar servido para apresentar as duas famílias foi confuso desde antes de acontecer, durante a escolha do cardápio. Dona Tatina sugeriu sua tradicional lasanha. A Titia reclamou que ninguém mais aguentava aquela lasanha de sempre. Só para implicar com a tia, Gladys interferiu: "O seu Hippolyto e a dona Elza nunca comeram a lasanha da mamãe, ora, que argumento sem lógica!". "Pois façam quantas lasanhas quiserem, eu prefiro entrar em órbita", retrucou a Titia, e a dona Tatina encerrou o assunto com um "Olhem que eu desisto! Se nos preparativos vocês já estão se matando, imagina na hora do jantar".

Maria Augusta deu ao todo treze voltas na cozinha, sem parar de fazer perguntas: "Uso a saia creme ou a plissada?".

Nem saia creme, nem plissada, nem lasanha. Foi com um vestido verde-esmeralda, costurado pela Gladys, que Maria Augusta recebeu os futuros sogros se sentindo o máximo. Tinha virado uma bela moça por fora, mas por dentro continuava a mesma menina de tranças.



O POLPETONE estava delicioso.

Seu Hippolyto e dona Tatina conseguiram manter o clima de gentileza no jantar com algum esforço. Difícil harmonizar os ânimos, quando se tem duas presenças tão fortes como a dona Elza e a Gladys à mesa. Uma discordava da outra em tudo, cada detalhe, e assim seria para sempre. Naquela noite, a interseção Caio/Maria Augusta passou a abranger as duas famílias e a selar outros destinos.

Na despedida, Caio teve vergonha de beijar Maria Augusta na boca e o beijo foi na testa.

Todos se abraçaram.

Assim que as visitas entraram no elevador, a Gladys comentou: "Que amor o seu Hippolyto, mas como a dona Elza é opinativa, não é?". A Titia confessou: "Até agora ainda não entendi se ela é pintora, escultora, escritora, poeta, pianista ou compositora". "Como se de louca não bastasse a gente", dona Tatina concluiu, enquanto Maria Augusta repetia sem cessar: "Não disse que o Caio é mais lindo que o Clark Gable?".



QUANDO ME LEMBRO dessa época do namoro, chego a ouvir a canção "La mer", na voz do Charles Trenet. Ela embalava o casal: "*Avec les anges si purs, / la mer bergère d'azur*" num vaivém confortável. O mar estava calmo.

Maria Augusta estava trabalhando no Tribunal de Contas do Rio de Janeiro, apesar dos apelos da mãe para que cursasse alguma faculdade. Seu trabalho como funcionária pública era burocrático e entediante, mas ela não estava nem aí. Preenchia a cabeça com Caio, enquanto, mecanicamente, lidava com requisições e requerimentos. Os amigos do Tribunal agora também faziam parte da história, ora provocando ciúmes, ora apenas participando das conversas habituais. O salário não era essas coisas, porém, dava para comprar os livros e discos que Maria Augusta devorava, quando não estava encantada ao lado do namorado, aproveitando aquela maré boa.

Usei essa fase tranquila para tomar um pouquinho de fôlego.

Campinas, 8 de outubro de 1952

Maria Augusta,

Esta vai ter que ser curta, porque eu vou ter que dormir cedo para uma reunião amanhã, às oito da madrugada, na fábrica. Ignore essa primeira frase, informativa, e só leve em consideração a partir do próximo parágrafo.

Estou morrendo de saudades, minha boneca, e apesar de tanto trabalho, penso em você a toda hora.

Aceite um beijinho na testa deste aqui que é louco por você,

Caio

ESCREVA LOGO.

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1952

Caio Franco de Abreu,

Vou fingir que não li o beijinho na testa e continuo aguardando carta sua.

Cheguei à conclusão de que vou ter que escrever para você um manual de como se escrevem cartas de amor, por enquanto vai só o resumo. Uma carta de amor deve iniciar com vocativos apaixonados, como meu amor, minha amada, minha amadíssima, meu céu, meu tudo etc. Então se passa para as notícias. O último terço da carta deve falar só de saudades e o final tem que ser apoteótico. Um "o mundo não tem graça sem você, luz da minha vida" em geral funciona.

O mundo não tem graça sem você, luz da minha vida.

Maria Augusta

Campinas, 24 de outubro de 1952

M.A., meu amor — etc.

Recebi sua carta hoje, na fábrica, pois o Fernando veio almoçar em casa e levou para mim, e eu ia responder de lá mesmo, mas só encontrei papel sem pauta, que não serve para a minha letra.

Sinto decepcioná-la, mas tudo aqui está tão chato, com gente discutindo um tal jogo da Ponte Preta e não sei o quê, que será difícil seguir suas regras.

As novidades são: aqui faz calor, tenho que acordar cedo e estou duro. O papai me mandou *money*, mas eu gastei mais de Cr\$ 150,00 lá em São Paulo e já retirei Cr\$ 500,00 adiantados na fábrica.

Os dois rapazes que estão no quarto comigo já desistiram de me acordar. Um deles só tem aula à tarde, mas acorda às seis da manhã para estudar. A fábrica tem uma caminhonete para buscar os funcionários, mas logo agora que estou aqui ela tem enguiçado, e o chofer vinha sempre meia hora antes da hora marcada para me acordar. Também, eu dei azar de morar num lugar onde sou o primeiro a ser apanhado e o último a ser trazido.

Creio que é o momento de falar das saudades que sinto de você. Muitas, muitas, muitas, muitas, muitas... (considere mais umas cinco linhas só com a palavra "muitas").

Não tenho mais novidade e apenas saudade de você, meu amor, então despeço-me com um "até logo" que seja o mais logo possível.

A luz não tem mundo sem você, graça da minha vida. (Acertei?)

(Deixa eu assinar aqui, que embaixo não tem mais espaço) Do Caio

P.S.: Se você reparar que eu só falo em dinheiro, não repare, porque é mesmo minha maior preocupação. Aqui com dinheiro já não presta. Imagina sem.



CAIO E MARIA AUGUSTA ficaram noivos em dezembro de 1952, numa modesta comemoração.

Dona Tatina serviu sua lasanha.

A Titia fez seu doce de ovos apelidado por Maria Augusta de "o incomparável".

A Gladys costurou o vestido da noiva com um tecido cor de mel que havia trazido da Europa.

Dona Elza lastimou não haver ali um piano para que pudesse tocar a canção dodecafônica que havia composto em homenagem aos noivos.

Seu Hippolyto se emocionou.

A Maria Carmen e o Zeíca contaram as novidades da lua de mel.

A Norma e o Zé Maria sonharam em voz alta com um possível futuro noivado, se a vida continuasse ajudando.

O Herson bebeu além da conta, ficou comovido, chorou, e a Ilsa precisou, como sempre, conduzir os excessos do marido com doçura.

A Maria Augusta botou Frank Sinatra cantando "You do something to me" na vitrola.

O Caio ficou quase roxo de vergonha na hora de entregar as alianças.

A Jeanette lambeu todos os pratos de sobremesa antes que fossem lavados.

Rio de Janeiro, 5 de abril de 1953

Caio, meu amor,

Já faz três dias que você está em São Paulo e ninguém ainda teve notícias suas. (Você não tinha prometido me telegrafar quando chegasse aí?) Por isso já estou mandando, junto com esta, um envelope com meu endereço, já selado, e um papel de cartas dentro. Assim você só precisa escrever, pronto, e nem dinheiro vai gastar.

Naturalmente, se fosse para a sua amada, idolatrada, extremada, adorada Vilma, você já teria escrito uma dúzia e meia de cartas e passado trezentos telegramas. Mas eu nem posso pensar em merecer uma quinta parte da atenção que ela merece, pois ela é a "menina mais bonita do mundo" e quem sou para chegar a seus pés? Assim sendo, pode engolir a Vilma e todos os seus complementos: Daisy, Nair etc.

Mas se você não achar exaustivo demais sentar-se numa mesa e escrever umas besteiras numa folha de papel, que já está na sua frente, meter num envelope selado e botar numa caixa de correio, eu agradeço. Apesar de duvidar que você faça isso. Pois, além de exaustivo, deve ser extremamente desagradável, porque você sabe que esse sacrifício todo seria apenas para me deixar satisfeita, coisa que você prefere não fazer. Veja, por exemplo, os cinemas, que você nunca chega na hora (quando vai), e tudo o mais.

Por ora, vou lhe poupar de mais chatices.

Espero rever o envelope selado que estou lhe mandando o quanto antes.

Beijos,

Maria Augusta

São Paulo, 12 de abril de 1953

Minha boneca,

Se eu contar que tive um sonho lindo com você esta noite, serei perdoado das outras faltas? Tomara que sim. Lá vai, então.

A mamãe tinha pintado um quadro com as estrelas do céu, me chamava para saber o que eu achava dele, mas eu não enxergava estrelas, nem céu, só enxergava você tomando banho num rio. Eu resolvia entrar no quadro para tomar banho com você, mas você já tinha saído do quadro e estava ao meu lado. Estávamos num *dancing*. Você usava um vestido florido e, de repente, eu era uma das flores do seu vestido e você era uma outra. Eu ficava tentando chegar perto de você, mas flores estampadas não costumam se mover, e quando eu já estava angustiado com aquela situação, que me era desfavorável, você virava uma flor de campo, eu era eu de novo, então eu a colhia e o seu perfume era tão grande que ganhava corpo, e aí, meu bem, eu me aproveitava.

Interprete o sonho como quiser.

Quando acordei, atrasado, fui correndo para o escritório e fechei o melhor negócio que já fiz até hoje.

O papai vai ficar orgulhoso de mim.

Espero que você também fique orgulhosa da minha criatividade (eu não tinha bebido) e do jeito que eu desejo você, aliás, dos jeitos, no rio, no *dancing*, na roupa que você usa, no jardim e na roupa que você não usa.

Precisa mais?

Beijos,

Caio



NO DIA EM QUE completaram seis meses de noivado, Maria Augusta exigiu uma noite comemorativa. Caio não compreendeu bem uma celebração baseada em meses e não em anos, como todo casal faz. Ela respondeu: "Se você preferir, podemos comemorar nossos 2.007 dias de namoro".

O casal foi jantar numa cantina do Flamengo. Depois do terceiro drinque, ela mostrou a principal razão do programa. Primeiro pediu uma Coca-Cola ao garçom. Daí tirou a aliança de noivado do dedo e ameaçou: "É agora. Ou a gente marca o casamento ou eu engulo esta aliança". Ele tentou contemporar. Ela se fez de surda e colocou a aliança na boca. Ele prometeu que ia começar a ver o

preço dos aluguéis. Ela pegou o copo de Coca-Cola e ameaçou dar um gole, quando ele apelou: "Não torra minha paciência!". Ela tirou a aliança da boca: "Maio do ano que vem?". Ele resistiu: "Maio do outro ano". Ela recolocou a aliança na boca, se preparou para engolir, ele tentou ser mais rápido: "Tudo bem, dezembro do ano que vem". Ela respondeu: "Novembro". Sem mais opção, ele, enfim, aceitou: "Tá bom, novembro, agora vamos dançar".

Já era madrugada quando ele a deixou em casa.

"Você não me pede em casamento desde ontem", Ela.

"Ano que vem eu peço", Ele.

Ela aproximou sua boca da dele e lhe deu o mais louco beijo que estava a seu alcance. Ele ficou até zozzo e sussurrou:

"Aceita se casar comigo, broto?"





DIA DO CASAMENTO.

A CERIMÔNIA foi marcada para o dia 14 de novembro de 1953.

A Gladys comprou várias peças do enxoval em Paris, cada uma mais linda que a outra.

Dona Tatina ensinou a filha a cozinhar.

A Titia aproveitava a exaltação da sobrinha para fazer chantagens emocionais do tipo “se você não tirar da vitrola esse cantor francês gritando no meu ouvido, não vou ao seu casamento”.

Seu Hippolyto tanto fez que conseguiu alguns clientes a mais para ajudar no orçamento do filho.

Dona Elza pintou um quadro moderníssimo, especialmente para o casal, intitulado “Flamenco”.

Tudo ia na paz.

Até uma noite.

O Caio chegou na casa da dona Tatina à procura da noiva e ela ainda não havia chegado do trabalho. Ele estranhou o atraso, foi até a esquina comprar um maço de cigarros, e aí ferrou.

No meio do caminho, ele viu a Maria Augusta descer de um carro, na porta de casa, e a tal peste do ciúme veio atentar seu juízo.

[BILHETES]

— Meu amor,

Deixa de ser bobo. Peguei um táxi porque estava atrasada e não aguentava de saudades suas.

— Aquilo não parecia um táxi.

— Meu amor, meu único amor,

Imagina se eu ia trair você com quem quer que fosse, mesmo o Frank Sinatra, se você é a única coisa que me importa na vida?

— Me esquece, Maria Augusta.

— Meu amor, meu único amor, amor da minha vida,

Se você não me atender ao telefone, eu engulo o telefone.

— Meu amor, meu único amor, amor da minha vida, minha vida,  
Se você não responder a este bilhete, me joga da janela.

— Caio,  
Vou me jogar da janela.

— Caio, não brinque com fogo,  
Estou achando o terceiro andar meio baixo. Acho que vou para o alto do prédio.

— Caio,  
Esta é sua última chance. Decida se quer me responder ou gastar uma fortuna numa coroa de flores.

As duas famílias deram toda razão à Maria Augusta e nenhuma ao Caio. Estava claro para todos que ela jamais trairia o rei dos reis, senhor absoluto das razões de sua existência e coisa e tal.

Considero justo olhar as coisas pelo lado dele.

Todo mundo tem suas dores.

O ciúme perfurava, se espalhava, e a cabeça do rapaz virou morada de hipóteses, suposições, certezas, dúvidas, espinhos. Nomes e mais nomes atravessavam a imagem de Maria Augusta naquele carro: Heitor, Leo, Luiz Carlos, Raul, Maurício. Cada nome vinha acompanhado de imagens — beijos roubados, possíveis abraços, a saia de seda de Maria Augusta. Sua amiga melancolia não parecia a mesma. Tomava ares de depressão. Tapava as saídas que ele tentava imaginar. Doía mais fundo ainda.

A Gladys resolveu intervir — “ou vamos todos parar no mesmo hospício que eles” — e procurou seu Hippolyto para uma conversa: “Esse amor está ficando doentio”.

Só mais uma pausa, por favor, pois este é um ponto importante.

Eu? Doentio? Doentia é a raça humana.

Não quero ofender ninguém, mas também não me ofendam. Sou sentimento sublime. Posso ser largo, livre, alegre. Não exerço domínio absoluto sobre quem ama. E tem mais: nem todo coração

tem a honra de me receber, não bato em qualquer porta, sou seletivo.

Uma dica para quem tiver a sorte de me encontrar: me tome como uma flor. Então, aproveite.



DA REUNIÃO FAMILIAR surgiram algumas decisões.

A Maria Carmen e o Zeíca iriam ter uma conversa com o Caio.

Dona Elza começou a pintar um quadro ao qual deu o nome de "Desvario". Ficou belo.

Dona Tatina apelou para a sua novena de Nossa Senhora das Graças.

A Titia usou todo o seu repertório de piadas com o intuito de tanger o desgraçado desespero da sobrinha.

Na tal conversa, Maria Carmen e Zeíca usaram a imensa sensibilidade que sempre possuíram, trazendo alguma luz ao tumulto. E bendita foi a confiança que passaram, benditos Maria Carmen e Zeíca, que o Caio pensou, repensou e repensou mais mil vezes, até aceitar ouvir Maria Augusta.

Não sei se é o tal do destino que sempre me ajuda a ganhar o jogo, enquanto vou movendo minhas peças. O fato é que esta história ainda prometia grandes momentos, não podia acabar ali, e tudo se resolveu.

Mas aquela ocorrência ia permanecer pelo resto da vida no sentimento de todos, feito cicatriz, feia e torta, de um primeiro tombo de bicicleta.



FINALMENTE CHEGOU o tão esperado 14 de novembro.

Se a ansiedade de Maria Augusta tivesse um mínimo de saúde mental, a moça teria ficado nervosa como toda noiva fica antes de

entrar na igreja. Mas não. Ela conseguiu se preocupar com cada tragédia que inventou: “E se o Caio sofrer um acidente no caminho, e se o teto cair, e se a lua não nascer?”. O Caio não sofreu um acidente no caminho. O teto não caiu. A lua nasceu.

Maria Augusta entrou na igreja acompanhada do Herson, ao som de Chopin, sentindo-se mais ou menos uma princesa austríaca. Ou algo que o valha. Uma deusa, uma sortuda, um ser supremo, a mulher mais abençoada de todos os tempos. A Vera Maria, a Maria Tereza e a Maria Elizabeth foram as damas de honra.

Após a cerimônia religiosa houve uma comemoração, só para os íntimos, no apartamento de dona Tatina. A porta ficou aberta para a chegada e saída dos convidados.

Os amigos jogaram o Caio para cima onze vezes, depois da quinta garrafa de champanhe.

O Herson se emocionou e encheu a cara. A Titia comentava abertamente, com sua sinceridade, que a Maria Augusta era a noiva mais bonita da família. A Gladys estava numa felicidade desmedida, aliviada por tudo estar dando tão certo. A dona Tatina se sentia meio lá, meio cá, entre a alegria e a preocupação permanente com a filha.

Aquela tal de porta aberta quase enlouqueceu a Maria Augusta. Ela passou a festa inteira procurando a Jeanette embaixo dos móveis, de quatro, o vestido de noiva destoando da situação. Quando encontrava a gata, fechava a bichinha no quarto da Titia, até que algum desavisado entrava lá, deixava a Jeanette escapar e a agonia recomeçava.

Na noite de núpcias, eu contei 353 beijos.

Eu, que nem a Maria Augusta, me sentia no auge.

Caldas Novas, 20 de novembro de 1953

Mamãe, Gladys e Titia,

Descobri que Lua de Mel é um parque de diversões que acontece dentro da gente, portanto somos dois parques de diversão, com direito a incontáveis algodões-doces por dia.

Caldas Novas é bonitinha, mas a farmácia é uma porcaria.

O Caio cortou o cabelo igual ao do Lee Marvin em *Oito homens e um destino*. Desnecessário dizer que ficou irresistível.

Digam à Jeanette que eu estou maluca de saudades.

Beijos,

Maria Augusta



OS RECÉM-CASADOS foram morar, após a lua de mel, num pequeno apartamento térreo na rua Aristides Espínola. O Leblon parecia uma cidadezinha afastada, naqueles anos 1950. O Caio, então, gastou todas as suas economias para comprar seu primeiro carro, um Citroën preto, usado, que foi batizado de Al Jolson. A Maria Augusta trabalhava no Centro da cidade, mas nem se importava com a distância. Ia e voltava de lotação, aproveitando todo o tempo do percurso para pensar em quanto tempo faltava para chegar em casa, a sua casa, sua e do Caio.

Eu sempre gostei de inícios de casamento, não só porque as noites são mais divertidas, mas também pela facilidade de ser competente 24 horas por dia. Eu não precisava fazer o menor esforço para nada, bastava estar ali, eu, o abajur, o sofá caramelo, a mesinha de centro.

A Maria Augusta caprichava nos jantares, o Caio se gabava para os amigos: "Preciso ir, minha mulher tá me esperando em casa". Quando chegava, tirava o pronome possessivo da frase e chamava Maria Augusta de "Mulher", hábito que não abandonou nunca.

"Mulher", ele pedia, e ela já vinha correndo.

Que mais? Mais nada. Só isso tudo.



EM FEVEREIRO DE 1954, Maria Augusta descobriu que estava grávida. Que mais podia faltar para a vida ser perfeita?

No peito do Caio, a felicidade teve que dividir espaço com preocupações. Ia ser pai de família. Que nem o seu Hippolyto. As responsabilidades o chamavam à razão. Mas quando a barriga de Maria Augusta começou a aparecer, as preocupações (essas, antecipadas) ficaram de lado.

Caio decidiu que seria um menino.

Maria Augusta decidiu que o menino se chamaria Caio.

Dona Elza se pôs a pintar um quadro do Menino Jesus. Seu Hippolyto ria, acendia seu charuto e comentava: "A gente sabe que pra você o Caio é Deus, mas daí a ser o pai do Menino Jesus não é um pouquinho de exagero?".

Dona Tatina dizia diariamente: "Se o Augusto fosse vivo ia estragar esse neto em dois tempos". "Deixa que eu estrago por ele", respondia a Gladys, enquanto tricotava sapatinhos de todas as cores. A Titia adivinhava os desejos de Maria Augusta: ambrosias, pudins de laranja, balas de chocolate.

Rosina nasceu no dia 22 de setembro.

O Caio sorriu aquele seu sorriso bobo, de boca torta.

A Maria Augusta conferiu mil vezes cada pedacinho do seu bebê, até adormecer em paz, vencida pelo esforço do parto.



NADA COMO séculos de experiência.

Sei me adaptar às novas situações, me aconcheguei entre o casal e a criança e acionei toda a ternura que carrego para inaugurar essa nova fase. Era a minha primeira vez, ali, em outro papel. Acho que fui bem naquela estreia. Fui materno, fui paterno, fui doce, fui forte, fui frágil.

A capacidade de me transformar, no ritmo do tempo, talvez seja o meu maior mérito. Estou sempre pronto para isso. Se os humanos dizem que o amor acaba, a rigidez é deles, assim como a falta de criatividade. Deve ser ruim ser assim, tão racional e limitado. Desculpe se fui grosseiro. Melhor voltar para a narrativa.

Com a chegada da Rosina, o pequeno apartamento foi tomado por aquele cheiro de lavanda.

Nas madrugadas, eu era obrigado a me desdobrar, me triplicar e servir.

Pai, mãe e filha. Um círculo que nascia de mim e em mim se fechava.



UM ANO E QUINZE dias depois, em 6 de outubro de 1955, veio a Patrícia.

O bebê nasceu dois meses antes do previsto, com sopro no coração, causando preocupação e exigindo cuidados. De cara, conquistou a família, tão pequena, tão fraquinha. Lourinha como o pai. Teimosa feito a mãe.

Mais uma mulher para o Caio.

Mais uma neta para a família "mulherenta" de dona Tatina.

Mais uma consequência do meu trabalho, mais uma vitória do meu esforço, mais uma testemunha desta história.

Mais uma.

Mais uma vez, tudo foi invadido pelo encantamento que os bebês portam na chegada.

E eu não parava de ganhar terreno.





O CASAL COM AS FILHAS PATRÍCIA E ROSINA  
POUCO ANTES DA INTERNAÇÃO DE MARIA AUGUSTA  
NO SUL, REGISTRADA EM CARTAS (ABAIXO).

Porto Alegre, 4.2.59

Meu querido.

Tô não sabia que eu já estivesse  
lhe esquecido de novo, pois até hoje não  
recebi sua carta sua.

Infelizmente as notícias não são  
muito boas, pois tudo passado mal com  
a insulina, que me dá uma reação muito  
desagradável: taquicardia, gosto ruim na

O ALVOROÇO com a pequena Patrícia era tamanho que todos demoraram a perceber que Maria Augusta estava cada vez mais ansiosa, cada vez mais atormentada, cada vez mais Maria Augusta.

Por ter engordado na gravidez, resolvera por conta própria tomar todas as fórmulas emagrecedoras disponíveis no mercado. Como essas drogas lhe tiravam o sono, ela se entupia de pílulas para dormir. E porque não podia passar o dia sonolenta, já que tinha de trabalhar e ainda cuidar das crianças, precisava de energéticos. Toda essa química, somada à agitação costumeira, ia detonando uma bomba aqui, outra ali. Os ataques de nervos ficaram mais frequentes. Ela não parava de fumar. Chorava por tudo. Ou berrava, ou se atirava no chão, se debatia, sofria, ficava de joelhos, implorava. Implorava o quê? Qualquer coisa. Nem ela mesma sabia, talvez. Desde criança se sentia impelida a implorar o que quer que fosse, em vez de pedir simplesmente. Especialistas explicariam isso com conversa de culpas, repressões, baixa autoestima, necessidade de atenção. A Titia resumia o fenômeno de forma mais simples: Maria Augusta era a rainha do drama.

Eu tenho outra visão: era por mim que ela implorava.

Todo amor que lhe dedicassem seria pouco. Carência? Talvez. Romantismo? Também. Distúrbio? De quê? Quando me lembro de Maria Augusta, sempre escuto uma melodia vinda de um bandoneon.

E a Patrícia ia crescendo, e também a Rosina, e não devia ser confortável para as pequenas presenciar as ameaças da mãe: “Vou me jogar da janela, vou sair por aquela porta e sumir do mapa, vou enlouquecer completamente, eu quero o Caio, liguem para ele, eu quero o Caio”.

Quando ela realmente quase se atirou pela janela, apavorada porque o Caio estava 26 minutos atrasado, ficou clara a necessidade de uma intervenção externa urgente.



PRIMEIRO CHAMARAM o doutor Adalberto, médico da família. Coitado! Em seguida foi um psicólogo. Depois outro. Um psiquiatra. Nenhum dos profissionais conseguiu um diagnóstico exato. Nem jamais conseguiriam. Se Maria Augusta dava uma amenizada nos tais remédios, parecia que a coisa ia. Mas aí degradingolava.

Quando a Gladys encontrou caixas e mais caixas de comprimidos escondidas numa gaveta de fraldas, o Caio se enfureceu. Ninguém, na rua inteira, conseguiu dormir naquela noite. Gritos. Acusações. E choradeira. Ela, culpada porque estava tomando remédios escondida; ele, culpado porque tinha brigado com ela. E essa tal de culpa é um sentimento do demônio. Por favor, me perdoe, mas me deu vontade de falar mesmo. Às vezes eu gosto quando o ciúme se mete nas histórias, ele bem que já me ajudou muito, mas a culpa só me atrapalha e me irrita. Um culpa o outro que culpa o outro, todo mundo vira vítima, vítima de quê, minha gente? Para que tanta culpa? Qualquer idiota sabe fazer esse jogo, melhor, qualquer idiota sabe que isso é um jogo, e joga de cá sabendo que o idiota de lá também sabe que o idiota de cá... Eu tenho mania de grandeza. Tenho, sim. E só gosto de sentimento nobre. E pronto. Voltando. Aquela noite o Caio teve que apelar para dona Tatina. O dia já estava amanhecendo quando chegou um enfermeiro munido de nitrazepam injetável no apartamento, onde a família já estava toda reunida.



DALI PARA A FRENTE aquilo se tornou comum.

Maria Augusta arranjava receitas, comprava remédios, as crises persistiam, alguém descobria os vidros dentro do cesto de roupa suja ou coisa equivalente, as crises viravam desespero.

Vivia confusa, sob o efeito das drogas, e as compulsões só aumentavam. Cigarro. Gato. Cachorro. Coca-Cola. Cigarro. Nada a fazia parar de falar e reiterar o que havia falado até a exaustão dos ouvintes. Repetia as conversas, se engrolava nas palavras, dona

Tatina se desesperava e o Caio fazia um esforço enorme para ajudar a mulher, mas estava difícil. Uma nova mania veio se juntar às outras: comprar. Qualquer coisa. Para qualquer fim. Uma bonequinha para a Rosina, um vestidinho para a Patrícia, um remedinho para dor de cabeça, discos e livros policiais em inglês — que ela devorava numa velocidade incrível. Quando o seu salário acabava, muito antes do final do mês, ela vinha pedir dinheiro ao Caio. Ele bem que tentou avisar, fazer contas, provar por dois mais dois que aquela gastança não correspondia à realidade deles. Acertou. Maria Augusta saiu pedindo dinheiro emprestado à mãe, à tia, à irmã, pegava com uma para pagar à outra, até que teve de empenhar sua aliança para saldar todas as dívidas.

E o Caio ficou furioso quando soube.

Dessa vez, a briga também foi feia. Ela ameaçou se matar de todos os modos que existiam. Ligou o gás. Subiu na janela. Acendeu fósforo. Quis sair porta afora. Já era madrugada quando eles se deram conta da fumaça que saía da cozinha. Fósforo com gás, com loucura e agonia, às vezes dá em incêndio mesmo. Quando os bombeiros chegaram, o Caio já tinha conseguido apagar o fogo, que causou pouco estrago.

Mas, no dia seguinte, o doutor Adalberto achou prudente internar Maria Augusta numa clínica.



A PRINCÍPIO, o Caio foi contra. Disse que não aguentaria aquilo, que sua mulher não era louca e que ainda havia as crianças. No entanto, para espanto geral, Maria Augusta aceitou passar uns dias no sanatório que pertencia às suas tias do lado paterno, em Porto Alegre. Desde que fossem só uns dias. E que o Caio e as crianças a acompanhassem. “Sanatório não é hotel”, o Caio argumentou. “Bem lembrado”, ela respondeu, “então ou vocês me deixam enlouquecer em paz, ou vão ter que me levar de camisa de força para um hospício mais perto.”

No dia 23 de janeiro de 1959, aos 26 anos, logo após uma crise em que se arranhou inteira, Maria Augusta e Caio embarcaram para Porto Alegre.

A Rosina e a Pi, como era chamada a menina Patrícia, ficaram no Rio, aos cuidados da dona Tatina, da Gladys e da Titia, a quem elas chamavam de Vovó, Dazinha e Tetê.

Os dois entraram no sanatório de mãos dadas.

Ela choramingou: "Fica aqui comigo?"

"Era tudo que eu queria, broto."

E enquanto Maria Augusta era examinada pelo psiquiatra, o Caio foi fumar um cigarro lá fora.



O DOUTOR JACINTHO não quis prometer nada, mas falou em um mês de internamento, no máximo um mês e meio. A Maria Augusta começou a chorar imediatamente e jurou que não ficaria ali mais de uma semana. O médico constatou que o quadro era pior do que ele pensava. Ela mudou de tática na hora, ficou muito boazinha e quis saber os detalhes do tratamento. O doutor Jacintho se pôs a falar nas terapias mais modernas, que incluíam sessões de eletrochoques. O Caio travou na cadeira. O médico tentou acalmá-lo argumentando que era o procedimento correto, com apenas uma reação colateral: perda passageira de memória. O Caio não destravou da cadeira. Mas Maria Augusta sorriu: "Vou tirar de letra". Daí pegou o marido pela mão e pediu: "Vamos conhecer o meu quarto?"

Era um espaço de três por três com uma cama de ferro, um criado-mudo e um pequeno armário. Ela abriu sua mala estampada, tirou vários retratos de dentro e começou a espalhar por onde dava: a Rosina, a Patrícia, o Frank Sinatra, o Caio, o Caio, o Caio. Ele empurrou o criado-mudo para a frente da porta e sugeriu que eles bem que podiam inaugurar a cama dela juntos. Assim fizeram. Uma

freirinha tentou entrar, não conseguiu, e a Maria Augusta gritou: “Estou trocando de roupa, já abro!”. Os dois se divertiram.

Quando a tristeza do Caio teve permissão de se exhibir, mais tarde, no avião de volta para o Rio, ele derramou algumas lágrimas. Passou a viagem inteira assobiando sua canção favorita — “Learning the blues” — enquanto olhava pela janela, tentando achar alguma graça no céu.

Graça nenhuma.

Porto Alegre, 27 de janeiro de 1959

Meu querido,

Daqui a pouco faz uma semana que estou aqui e parece mentira que até hoje ainda não tive a menor notícia das minhas filhas. Vocês não têm mesmo pena de mim e do sacrifício que estou fazendo.

Domingo, num acesso de bondade, me deram um indulto e me deixaram dormir (????) na tia Rosina (os pontos de interrogação significam que não preguei olho antes das quatro da manhã).

Voltei segunda, ontem, muito pior do que fui. Não sei como não me prenderam no Pavilhão das Agitadas.

Tenho morrido de saudades das crianças. Não sei quanto tempo aguento este suplício. Vê se você se compadece de mim e me manda notícias com urgência.

Desde ontem, além do eletrochoque, estou fazendo choque de insulina. É desagradabilíssimo, eu preferia fazer vinte eletrochoques a sangue-frio. Você pode imaginar o que é a gente passar três horas e meia (das cinco da manhã até quase nove) suando em bicas, com fome, sede e gosto ruim na boca?

Por sorte, em vez de soro glicosado na veia para cortar a insulina, eles dão um copo de xarope de cereja, ou coisa que o valha.

A irmã Maria Theodora (lembra-se dela, a que quase nos flagrou no dia da chegada?) foi transferida para a cidade do Rio Grande e estamos esperando que chegue a substituta. Enquanto isso, quem está encarregada de nós é a irmã Magdalena (aquela altona).

Desculpa, meu amor, se estou te chateando só com assuntos de hospício, mas, como você pode imaginar, é a única coisa que tenho para falar.

Pede para a Gladys tirar o molde do pé da Pizinha numa folha de papel e manda para eu ver se encontro o sapato de princesa que ela pediu (a não ser que ela tenha mudado de ideia, convém indagar) e pergunta à Rosinoca o que ela quer.

Responde logo, meu amor, que estou em agonia por notícias daí. Não esquece de fechar o gás todas as noites e dirige com cuidado, principalmente durante o carnaval.

Milhões de beijos para você e para as nossas pequenas,  
Maria Augusta

Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1959

Meu amoreco,

Eu nem precisaria falar das saudades que estou sentindo, mas talvez você não tenha realmente ainda compreendido a falta que me faz.

Eu ando mesmo borocoxô, filhota, e o tempo se arrasta sem passar logo, que era o que eu mais queria. Engraçado é que eu não sou normalmente de andar controlando o tempo, nem de me impacientar achando que ele não quer passar, mas agora eu tenho ficado inquieto, sem perceber, às vezes, o que é que está chateando, quando eu me dou conta novamente: é a impaciência de esperar. Espero que você tenha sorte, quando voltar, de pegar uma viagem boa. Como a comida da Panair é uma bomba, talvez valha a pena mesmo você vir pela Varig, ou pelo menos no DC-7C, que eu acredito que ofereça um tratamento melhor.

Quando cheguei daí me surpreendi com a Gladys, que foi me esperar no aeroporto, o que foi ótimo, porque eu estava só com Cr\$ 100,00 no bolso e ia ter que pegar um bonde. As crianças me fizeram uma festa danada e perguntaram muito por você. Sua mãe já deve ter dito que a Rosina falou, muito séria, que você agora vai ficar boa, porque não pode sair do hospital, porque você aqui não podia ficar mesmo boa, já que saía tanto!

Responda-me logo, bichinho, e me diga que está bem, por favor, me diga isso.

O dr. Jacintho, quando esteve na tia Marina, disse que estava muito satisfeito com a reação que você vinha apresentando e que achava um bom sinal você não se abater com os eletrochoques\* (cortado pela censura: tratamento é a tradução) nem ficar muito esquecida. Embora com a continuação do "tratamento" você talvez pudesse ficar com alguns lapsos de memória (coisa que eu duvido muito). Ele também elogiou muito a sua inteligência, minha burrinha, e a sua "vibratilidade". Falou ainda uma coisa que eu até me admirei de não ter reparado por mim mesmo, que era como você já estava falando menos "aos borbotões", ou seja, mais tranquila e pausadamente, sem aquela excitação com que você vinha falando. Quanto a mim, pode esquecer aquelas suas preocupações com quem entra no automóvel, porque o "artista" aqui está meio pifado.

O tio Francisquinho, que tinha estado com o dr. Jacintho na terça-feira, me garantiu que você "pensava" que sabia, quando tinha o "tratamento", mas que não sabia, não, porque já tinha tido três ou quatro sessões, quando pensava que tinham sido duas. Ele não quer reconhecer que o "método da cortina de ferro" aí

do sanatório não funcione com você, ou pelo menos acha mesmo que você não deva saber ao certo, para não se impressionar.

Voltando atrás, à sua preocupação comigo: você devia era se preocupar com a falta que está me fazendo, mas aí já não é com aquela saudade platônica do começo desta carta, e sim "outra" saudade. Você pode até se orgulhar, minha filha, de estar casada há cinco anos e ainda me causar esta insônia danada, da necessidade que eu tenho de você. Isso é bom, não é? Mas é bom para você, para mim, não. Porque com toda a autorização que eu tenho de você de apanhar outras fulanas e brincar no carnaval com as mesmas (tenho mesmo autorização? E esta autorização também não ficou bem explicada: é de apanhar as fulanas no carnaval e só poder brincar com elas, ou eu posso ir mais longe, mas só no carnaval, ou, finalmente, é uma liberdade completa, antes, durante e depois do carnaval? Mande-me logo um Western esclarecendo este ponto, pode mandar mesmo por telegrama cifrado), a verdade mesmo, minha filhinha, é que eu ainda estou fiel a você. E conforme eu ia dizendo ali acima, quando abri os parênteses, mesmo com uma autorização tua, e com tudo legalizado, eu não resolveria o meu caso, porque eu preciso não é "duma" mulher, é "desta" mulher. Você se lembra quando eu falava das minhas indagações "esotéricas" para você, sobre "e o que é o amor"? Haver ou não haver? Se deixar levar ou não? É, pois eu acho que a minha busca deu certo, só pode ser, não é?

Na próxima carta prometo mandar ilustrações da futurista Rosina e da abstrata Pi.

Acaba e já são três horas da manhã, o sono não chega e arranjei uma bruta dor de cabeça. Deixe-me ir dormir porque também estou com fome, porque não jantei, embora nós tenhamos ido a São Conrado com as crianças e eu tenha gastado mais de trezentas pratas. Então, meu amor, minha luz, minha vida, um abraço e um beijo bem gostoso para você, e me responde logo, viu?

Com amor,  
Caio



TENHO INSISTIDO nas inclinações romanescas de Maria Augusta, agora me deu vontade de falar nas do Caio.

Embora fosse tão amado por sua mãe, seu pai, suas irmãs e pela Maria Augusta, vivia acompanhado por uma gigante insegurança e aquela constante nostalgia — do que acontecera, do que jamais houvera acontecido e, principalmente, do que podia acontecer.

Tinha, sim, uma inclinação para a tristeza, mas adorava se divertir e aprontar das suas.

Triste, alegre e enigmático: quem, exatamente, ele era?

Uma pessoa que veio meio errada de saída, pois talvez não gostasse de ser uma pessoa, apesar de gostar de um bom livro, uma boa comida, uma boa bebida, coisas das quais as pessoas gostam. Alguém que se sentia estranho à vida, forasteiro dos dias, desmerecedor do oxigênio terrestre, inadequado, alguém que tinha medo de não acertar. Deu para entender? Nem precisa. O próprio Caio mal se entendia.

Durante as insônias, desde garoto, foi se envolvendo em nuvens de dúvidas, perguntas, escrúpulos, receios, sonhos, fumaça, verdades, fundamentos, poesia, méritos, cavernas, valores, paletas de cores, o paletó impecável de seu Hippolyto, livros, filmes, músicas e músicas, e mais músicas. A que ele mais gostava se chamava "Learning the blues". Acho que já estou me repetindo.

*The cigarettes you light  
One after another  
Won't help you forget her  
And the way that you love her.*

Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1959

Minha querida,

Espero que você já tenha recebido a minha primeira carta, que pelos meus cálculos deve ter chegado aí ontem ou anteontem.

Pelas saudades que todos aqui estamos de você imaginamos com que saudades você também não estará de nós. E de mim, você está sentindo falta ou as saudades das pequenas não deixam sobrar? Você já está esquecendo as coisas por causa dos choques de insulina? Quando você me responder, conta com detalhes.

Fiquei admirado da rapidez com que o dr. Jacintho já te deixou passar o domingo fora. Isso não é regalia de quase fim de tratamento? Ou você andou "conversando" ele direitinho?

Quando a Gladys puder confirmar direito se é necessária ou não a tal assinatura do prefeito no teu atestado, isto talvez até amanhã, ou eu te escrevo logo ou telegrafo.

Quanto às crianças e tudo mais, amoreco, está tudo bem, não fica aí dando tratos à bola e fazendo força para imaginar que alguma coisa pode não ir bem. Aliás, não sei se na minha primeira carta eu te contei que o dr. Jacintho me disse, naquele último dia, que seria bom para você ficar estes últimos tempos sozinha, quando eu viesse embora. Antes que eu me esqueça, meu benzinho, lembra de trazer com você as minhas gravatas que eu esqueci na tia Rosina. E também outro cinzeiro inquebrável que eu tinha comprado. E uma brilhantina. E como vai o pessoal daí, e o do sanatório? Já saiu muita gente e já tem muita gente nova?

Fala com o tio Francisquinho para ele dar e você trazer a conta de medicamentos do hospital, e também a do dr. Jacintho. Provavelmente, ele as daria para você mesmo, mas convém você falar antes, para mostrar que a gente pretende pagá-las logo. A mamãe hoje pediu o endereço daí, porque quer te escrever. Eu falei pra ela não dizer besteira para não te chatear, mas, a qualquer coisa ou palavra daquelas que você gosta tanto, você dá o desconto, porque a verdade é que ela se preocupa com você e tem também saudades tuas. Eu, filhota, continuo bobo e sem ânimo para nada. De noite, então, eu perco o rumo. Mexo daqui, remexo dali, leio, vou ao banheiro, mas não paro de pensar em você. E você me diz que eu sou tão autossuficiente! Eu preciso muito de você, minha cara-metade. E eu acho que é por isso que o dr. Jacintho falou que seria bom para você este tempo em que ficaria sozinha. Nada como uma separaçõzinha para a gente fazer uma reavaliação de valores e sentir o quanto precisa dos outros e se alegrar também com o quanto a gente é necessário.

Finalmente, filhinha, repito que quero que você me mande uma carta bem grande. Beijos e mais beijos do teu trio,

Pi, Rosina e Caio

P.S.: Mais beijos.

P.P.S.: Para aproveitar a última linha, mais beijos ainda.

Porto Alegre, 4 de fevereiro de 1959

Meu querido,

Você não merecia que eu já estivesse lhe escrevendo de novo, pois até hoje não recebi uma carta sua.

Infelizmente, as notícias não são muito boas, pois tenho passado mal com a insulina, que me dá uma reação muito desagradável: taquicardia, gosto ruim na boca, sensibilidade para cheiros e, o que é pior, uma insônia tão medonha que esta noite não preguei os olhos nem um minuto, passei a noite inteira ouvindo rádio. Prefiro mil vezes o outro "tratamento".

Hoje a irmã da farmácia me disse que o supervisor não sei quem quis saber de mim e da tua viagem de volta, e ela informou tudo, inclusive que você ainda não tinha escrito. Por favor, meu bem, vê se responde logo, pois, como você vê, até a freirinha da farmácia já reparou no seu silêncio.

Manda notícias das nossas filhas e muito juízo no carnaval; lembre-se do que eu pedi mil vezes: se quiser pegar mulher pega, mas não no automóvel, e vê se não bebe antes de dirigir, se é que você preza a minha sanidade mental, que já é tão escassa.

Milhões de beijos para você e os bagulhinhos,  
Maria Augusta

P.S. 1: Vê se me manda mais algum dinheiro, quanto puder, mas de Cr\$ 500,00 para cima.

P.S. 2: Piorei horrivelmente da reação à insulina: estou cheia de urticária pelo corpo todo e o pior é que eles vão continuar com a dita-cuja, apenas vão me dar uma injeção para a alergia. Estou toda inchada.

Porto Alegre, 4 de fevereiro de 1959

Meu amor,

Muito embora já tenha te mandado uma carta hoje, fiquei tão contente com a chegada da tua que resolvi acrescentar um segundo volume à minha.

Conforme você já foi informado pelo volume um, estava causando espanto à irmã da farmácia a ausência de cartas suas. Foi com tanta alegria que ela me entregou a sua carta que eu acho que ela já estava me julgando abandonada.

Fui hoje almoçar com a tia Rosina, pois queria fazer algumas compras na cidade. Você ficará surpreso ao saber que comprei uns panos de cozinha para bordar para me distrair e também uns romances de lã para já começar o enxoval do bebê que vamos encomendar quando eu chegar aí.

A minha alergia pela insulina vai de mal a pior: já estou cheia de calafrios pelo corpo inteiro.

Quanto ao outro "tratamento", não quer nada com me deixar esquecida: continuo com a minha famosa memória de elefante. (Quero te assegurar que naquela terça-feira em que o dr. Jacintho disse que já houvera três ou quatro "sessões" não era nada disso. Eram duas mesmo, no duro. A "cortina de ferro" daqui é muito "mixuruca". Agora sim, já foram seis "sessões", e a memória firme.)

Estou com tanta saudade de você e dos bagulhinhos que o melhor é nem falar, senão não dá para aguentar.

Quanto à tua saudade pouco platônica, é melhor você aguentá-la mais um pouquinho para nós fazermos uma nova lua de mel quando eu chegar. Pra teu governo, até que a tua carta me deixou apavoradinha (será efeito dos eletrochoques, digo, dos "tratamentos"?).

Bem, meu querido, vou ficar por aqui, para ver se esta ainda segue amanhã com o volume um.

Responda logo, logo, logo, logo, logo.

Milhões de beijos e juízo, juízo e juízo,  
Maria Augusta

Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1959

Meu amor,

Embora continue aqui tudo na mesma, não havendo a menor novidade, resolvi te escrever ainda hoje, um pouco para me ajudar a matar as saudades e outro tanto para você também.

Hoje é sábado de carnaval e eu vim cedo para casa porque não passei o dia muito bem-disposto. Você sabe que nos dias que passei aí eu praticamente bebi uma garrafa de vinho no almoço e outra no jantar, quando ainda não bebia chope, ou mais alguma coisa. Mas como eu comia geralmente muito bem, a bebida descia que era uma sopa. No entanto, aqui, agora, provavelmente porque ando sem fome e comendo mal, tenho sentido dor de cabeça e indisposição com qualquer coisa que bebo. Hoje, inclusive, fumei no máximo uns seis cigarros, porque até o cigarro está me enjoando.

As crianças estão muito bem e não sei por que estão entusiasmadíssimas com o carnaval. Hoje foram dormir cedo, "para chegar amanhã bem depressa". E embora a Gladys tenha comprado uns reco-recos para elas, e ainda uns chapeuzinhos de plástico, e eu tenha comprado uns pacotes grandes de confetes e serpentinas, a Rosina ainda está fazendo questão de ganhar lança-perfume e um pandeiro. A verba carnavalesca parece que vai estourar.

Como vai tudo por aí? O dr. Jacintho continua animado e tem conversado muito contigo?

Eu recebi anteontem a tua última carta. Gostei muito de ver que, embora você ainda não tivesse recebido nenhuma de nossas cartas, e naturalmente estivesse ansiosa por receber notícias, já deixou transparecer, e todos aqui achamos isto, estar muito mais calma e com melhor estado de espírito. Começando pela letra, que não estava "nervosa" como a da primeira carta. Você já recebeu a carta da tua mãe com a fotografia das crianças? Gostou? E como vai o pessoal daí, tio Francisquinho, tia Rosina e tia Marina? E o do sanatório, quais são as novidades? Eu tinha topado ir, com Zeíca, Gilberto, Reinaldo, e respectivas, ao baile do Botafogo, hoje, mas como eles mudaram de ideia e preferiram ir ao Fluminense, e como eu já não estava muito animado, e mais ainda, por não estar bem-disposto, vou mesmo passar o carnaval em brancas nuvens.

Que vontade que eu tive que você estivesse aqui, para que eu pudesse ir pelo menos a uma festa contigo, nem que fosse para brigar o tempo todo, como quase sempre fizemos no Municipal, meu bagulho! Viu só, bichinho, como eu estou com saudade até de brigar contigo? Eu ando precisando cada vez mais de você, e como você vai voltar boa daí, e aí eu é que vou estar (já estou) nervosinho, vou te dar muito trabalho quando você chegar, me aguarde. Pede ao dr. Jacintho uma

receita de como você vai fazer para cuidar de mim, meu bem, porque eu estou precisando demais de uma assistência ao mesmo tempo da mãe, da mulher e da amante.

Eu sou louco por você, meu bem, e daqui a pouco eu serei louco furioso por você, e aí, como será?

Ocorreu-me agora te lembrar de falar com o dr. Jacintho sobre os choros noturnos da Pi. Ela ainda tem tido de vez em quando aqueles choros sem motivo. E, embora eu ache que aqui em casa ela pelo menos não chorará tanto como lá na tua mãe, sempre é bom ouvir a opinião do dr. Jacintho sobre isso.

Sem mais, por ora, rogo-vos de joelhos o incomensurável privilégio de depositar em todo seu (nosso) lindo corpinho beijos dos meus lábios, merecedores e, a esta altura, sedentos e necessitados de tal privilégio e, sem maior demora, despeço-me com todo amor,

Caio



DESSA HISTÓRIA TODA da internação da Maria Augusta, eu trago três nítidas lembranças.

A Rosina e a Patrícia sentadinhas no chão, na casa da avó, rabiscando bonecos, casas, montanhas, árvores, nuvens, amarelos sóis nos céus azuis, e uma única palavra, para ficar bem bonita e caprichada: "Mamãe".

A Rosina e a Patrícia aprendendo novas palavras com as histórias da Dazinha, as brincadeiras da Tetê e o mingau de chocolate da vovó.

A Rosina e a Patrícia correndo para o papai, quando ele chegava para a visita diária, tentando adivinhar se ele estava alegre ou triste.

A velha melancolia vinha se entortando, se transformando em depressão. Pois seu humor oscilava e toda noite o Caio varava a madrugada, tentando encontrar no teto alguma resposta para alguma pergunta. Eram muitas as perguntas. Nunca que o teto iria dar conta de responder a todas.

Porto Alegre, 8 de fevereiro de 1959

Meu amor,

Estou com tantas saudades de você e dos bagulhinhos que acho que a minha estadia aqui já está ficando contraproducente.

Isto aqui está horrível, é quase o deserto do Saara sem camelos.

Só tem gente velha que se escandaliza com tudo que eu digo, donde se conclui que a minha situação não está mesmo das melhores.

Honestamente, meu bem, daqui a pouco eu pioro de novo, pois já estou de novo custando para pegar no sono de tanto pensar em vocês. Não sei mais o que fazer para passar os dias. A única distração é comer e eu já engordei mais de três quilos, estou pesando 55 quilos e a roupa está toda apertada.

Amanhã é dia de tratamento e o dr. Jacintho disse que vai me dizer quando é que eu vou ter alta. Só peço a Deus que seja o mais breve possível.

Passo os dias inteiros sem uma triste visita, como se não tivesse parente algum em Porto Alegre.

Por via das dúvidas, convinha você escrever uma carta que eu pudesse mostrar ao dr. Jacintho dizendo da necessidade da minha presença aí. Invento como pretexto a ida da Gladys à Europa e arranja uma doença para a mamãe de forma que eu seja indispensável aí para cuidar das crianças.

Não deixa de fazer isto, pelo amor de Deus, pois eu já estou bem e se tiver que ficar mais tempo aqui será para piorar. Eu não aguento mais de uma semana longe de você e das crianças. Portanto, escreve logo.

Estou precisando também de dinheiro, pois vou precisar dar gorjetas aqui e não posso viajar sem dinheiro. Vê se você pode mandar Cr\$ 1.000,00. O troco eu te devolvo chegando aí.

Milhões de beijos para você e as nossas filhas,

Maria Augusta

Responde logo!

Providencia para eu voltar logo!

Porto Alegre, 8 de fevereiro de 1959

Meu amor,

Eu já tinha escrito uma carta, a tinta, mas perdi o mensageiro de hoje para a cidade e resolvi então escrever esta outra, a lápis, para poder escrever dos dois lados do papel e assim render mais.

Estou morrendo de saudades de vocês (a saudade das pequenas é grande, mas ainda sobrou muita para você).

Honestamente, meu querido, não aguento muito tempo mais esta separação. Isso aqui está insuportável: pouquíssima gente além de mim, Yonne, dona Fafá e uma moça mais nova, chamada Leda, burra feito uma porta. Além da coceira, a porcaria da insulina ainda dá insônia. Assim o tempo demora o dobro a passar.

Agora vou te dizer uma coisa que vai te dar um susto: o dinheiro que você enviou já acabou e eu estou precisando de mais.

Comprei livros, bordados, lã para fazer tricô, um par de meias etc., e já estou "dura". Preciso que você me mande mais dinheiro com urgência, senão não posso mais escrever, pois não tenho como botar no Correio. Vê se manda pelo menos mais Cr\$ 1.000,00.

Quanto aos "esquecimentos" que você perguntou, às vezes eu acordo meio zonha, mas vai voltando a memória e de tarde já estou normal outra vez.

Espero que você continue conferindo as janelas e o gás todas as noites.

Por que você não me disse nada dos seus planos para o carnaval? Será que a farra está sendo tão grande que você nem pode contar?

Meu querido, vou mandar dentro desta minha carteira de identidade. Eu precisava que você fosse na Caixa Econômica com ela e explicasse que você é meu marido (leva a certidão) e tirasse uma segunda via do cupom da minha aliança e pagasse os juros. Deve estar vencendo o prazo, pois eu não lembro ao certo quando paguei a última vez.

As minhas tias nunca mais apareceram. Passo os dias inteiros sozinha. Não sei até quando vou aguentar esta separação de você e das meninas. O pior de tudo é que ainda não estou sentindo melhora nenhuma (a insônia continua a mesma: até aí, no hospício do dr. Eiras, eu dormiria melhor). Vê se você me escreve mais seguido para me dar coragem.

Vou ter que parar por aqui, pois, como vou mandar a carteira dentro do envelope, ele não pode ir muito pesado.

Milhões e milhões de beijos para você e para os bagulhos,  
Maria Augusta

P.S.: Manda o dinheiro o mais breve possível, senão, como já disse, não posso nem te escrever.

P.S.: Não adianta temporizar, pois eu me recuso a ficar aqui sozinha, jogada fora. Quero ir para casa e vou, nem que seja fugida.

Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1959

Meu benzinho,

Acabei de receber agora a tua carta do dia 8, que, aliás, veio depressa. Eu iria te escrever hoje à noite uma carta maior, respondendo às duas do dia 4. Mas, para ganhar tempo, estou te escrevendo ainda de manhã, para ver se segue hoje.

Quanto à tua carta, eu acho é que você deveria ter esperado mais um dia para escrevê-la, se é que o dr. Jacintho ia te dizer no dia seguinte quando você ia ter alta. Aliás, meu amor, eu acho que se o dr. Jacintho já pudesse te conhecer um pouco melhor, ele saberia que era mais fácil deixar você sem notícia até amanhã, do que fazer você ficar na expectativa até amanhã, para só amanhã,

então, ter uma notícia. A não ser que, e isso é bem provável, ele esteja querendo te testar. Mas você pode já adiantar-lhe, por mim, que, na nossa opinião, você superou qualquer expectativa. Você mesma talvez não possa avaliar bem o quanto ganhou com esse tratamento aí, porque a Maria Augusta de hoje, como a de dez e a de vinte anos atrás, sempre foi pessimista. Nos momentos de maior saudade você talvez procure ainda obscurecer a tua melhora. Mas o dr. Jacintho, a meu ver, continua demonstrando confiança não só no seu tratamento, no seu sistema, como também, no seu caso, em você e na sua inteligência. Não haveria razão para maior otimismo, desde o começo, mas não sei se também por causa da tua determinação em se tratar, nas circunstâncias, ou pelo que fosse, o fato é que tudo demonstra que as coisas continuam se passando como o dr. Jacintho previa, e ainda melhores.

Vou ver se mando também hoje dinheiro para você.

Não adiantaria eu escrever hoje, nos termos em que você me pede, para "impressionar" o dr. Jacintho, quando nem você sabe ainda se seria preciso isto. Na verdade, tendo já o dr. Jacintho falado em revelar a data provável marcada para a alta, é porque você é quem o impressionou, demonstrando estar apta a merecê-la.

As crianças vão bem e ontem, para surpresa geral, houve um movimento espontâneo e coletivo de repúdio ao bico e as duas foram e jogaram as chupetas na lata de lixo. A Rosina ficou meio murchinha e pediu bala, que eu fui comprar. Depois, quando perguntamos que presente ela queria como prêmio, ela pediu uma... chupeta!

A Pysoca ontem falou que "chegou mais uma noite e a mamãe ainda não veio". Viu a noção que ela tem de tempo?

Bem, minha filhinha, esta carta ia ser curta e eu já estou no fim da terceira página.

Você já recebeu a minha carta com a fotografia das crianças fantasiadas? Escreva-me com as últimas notícias e, enquanto não posso fazê-lo como queria, vá recebendo meus abraços e beijos via postal.

Com amor e carinho,

Caio

P.S.: Não fui a um só baile de carnaval, imagina, e o do Municipal eu vi pela televisão lá no Zeíca até as quatro horas da manhã, estava um espetáculo. Até breve mesmo.

Porto Alegre, 12 de fevereiro de 1959

Caio querido,

Ando tão angustiada nos últimos dias que concluí estar se tornando indispensável uma carta sua para o dr. Jacintho, explicando a necessidade de que eu volte logo para casa.

Não há alternativa, meu amor, é pelo bem de todos nós.

Quando vi o retratinho das meninas fantasiadas, me dei conta de que não posso mais perder um minuto da vida de vocês, meus amores, minha família, trancafiada num lugar que já deu o que tinha que dar.

Eu já melhorei muitíssimo, e isso só não é público e notório porque pessoas trancafiadas não aparecem em público.

Sei que as meninas estão muito bem cuidadas por você, pela mamãe, pela Gladys e pela Titia, mas nada pode substituir a presença de uma mãe, mesmo que essa mãe seja meio desmiolada como eu.

Se não chegar carta sua até o meio-dia, que é a hora que o mensageiro traz as correspondências, já antevejo que vou passar mais um dia e uma noite esperando pelo meio-dia de amanhã, chorando sem parar.

Para você ver como eu estou de fato melhor, encerro aqui esta carta, para não me tornar repetitiva.

Um beijo,

Maria Augusta

Porto Alegre, 12 de fevereiro de 1959

Caio,

O mensageiro acabou de sair daqui, e nada de carta sua.

Se eu tivesse o direito de matar cinco pessoas, você sabe muito bem que a primeira seria o dr. Jacintho, que não para de tentar me engambelar com o assunto alta. Mas julguei conveniente lhe informar quem seriam as outras quatro vítimas: a mamãe, a Gladys, a Titia e você, que não estão fazendo nada para me tirar daqui.

Na impossibilidade de sair por aí cometendo esses crimes, andei pensando melhor e concluí que me matando logo primeiro acabo de vez com todos os meus problemas, que incluem você, a Titia, a Gladys, a mamãe e o dr. Jacintho.

Você me conhece.

Vai pagar para ver?

Maria Augusta

Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1959

Minha querida,

Hoje ocorreu uma inundação de cartas tuas, pois chegaram juntas a segunda do dia 8, escrita a lápis (por quê? Só para render mais o papel?), e as duas do dia 12.

Ainda bem que a do dia 8 demorou tanto, chegando junto com as seguintes, ainda mais porque a última impressão que me ficou, da última carta, foi terrível.

Não dá para perceber que se fazer de vítima e ameaçar faz parte do quadro "doença"? E que enquanto o dr. Jacintho te diagnosticar como doente não haverá

possibilidade de alta? Use a sua inteligência, amorzinho.

Notei que você adotou um ciclo de quatro dias para escrever as cartas, e escrevendo logo duas de cada vez. Foram, afinal, duas cartas do dia 4, duas do dia 8 e duas do dia 12. Só que na primeira carta do dia 8 você dizia que estava cercada de velhas. Já na segunda, você dizia que estavam aí, além de você, a dona Fafá e a Yonne, mais uma moça nova, Leda. Que é isto, meu broto, e você tem se gabado de não estar sem memória?

Eu estranhei você não ter mencionado nas tuas cartas do dia 12 algo sobre a revelação do dr. Jacintho sobre a tua alta, que você, na sua primeira carta do dia 8, informara que ele daria no dia seguinte, 9, portanto.

Será que você desmereceu a alta, por mau comportamento? Ou você só queria me impressionar um pouquinho, me fazendo julgar que já que ele estava falando em alta, eu poderia então reforçar mesmo, com um pedido de liberdade para você?

Não precisaria isso, bobinha, porque agora eu vou te revelar que o dr. Jacintho me disse várias vezes que você deveria ficar aí um mês. Mas me pediu também que não te dissesse isto. Agora, você deve revelar a ele que eu te disse, para ele desmanchar o mal psicológico que isso poderia causar, se é que poderia causar algum, a essa altura. Vê se você não vai conseguir, com um mau comportamento, que ele altere os planos que tinha quanto a esse prazo, se é que já não conseguiu. Pense bem, meu amorzinho, que já deve estar bem mais próxima do que você devia estar imaginando a tua alta. E é por isso que agora eu estou te revelando qual o prazo previsto. É porque quando você receber esta carta deverá estar bem em cima do prazo. Agora, para isso, é preciso que você se esforce e ajude este fim de tratamento, e não vá atrapalhá-lo, logo agora. Lembre-se de que é mais do que natural que você tenha algumas depressões com essas saudades todas.

Pois não era você que quando estava "atacada" não podia suportar nem um barulho perto sem crises de desespero? Pensa na enorme diferença que faz a separação daqueles a quem você quer, e que te querem. E, mesmo assim, você ainda está reagindo melhor agora, com toda essa desproporção de causas e motivos. E você pensa que eu também não tenho vontade de pegar um avião e ir aí te ver? Vai ser o dia mais feliz da minha vida o dia em que você voltar, minha boneca. E o teu também, e essa alegria, só por si, deve te dar ânimo e nos compensará de toda esta separação.

Eu fiz a Rosina dormir hoje, e quando ela já estava quietinha, parecia já estar dormindo, abriu os olhos e disse: "Quero a mamãe". A Patrícia hoje perguntou à Flávia se ela não podia lhe emprestar a sua mãe enquanto você não chega, e aí então, quando você estivesse aqui, ela poderia te emprestar também. Isso porque ela não queria estar sem mãe muito tempo. Você vê que não precisa ter medo, não, porque ninguém te esquece. Aliás, sem forçar a realidade, você é inesquecível.

Hoje eu estive no Herson e, infelizmente, ele estava bebendo e alterado, implicando com todo mundo. Mas chorou quando falou que estava com saudades tuas!

Quando eu fui pagar o aluguel, a dona Vera perguntou por você, mas com tanto interesse e insistência que eu até não quis dizer que você estava aí. Se fosse com um pouco menos de interesse eu diria, mas eu até fiquei com medo de alarmá-la. Bem, meu amor, já acabou a tinta da outra caneta e agora tenho que parar por aqui, mesmo porque já está clareando o dia!

Eu estou aqui há quase cinco horas, escrevendo e divagando, pensando em você. É muito amor, não é, coisinha louca? No dia em que você quiser qualquer coisa de mim, já sabe a receita, é só me ameaçar de passar um mês longe. Mas não me assusta mais com cartas pessimistas, ouviu? E saiba mais uma vez que você é muito querida e necessária aqui, e que precisamos muito de você boa.

Com muito carinho nosso, e todo o amor, e milhões de beijos,  
Caio



DE QUANDO em quando me pego analisando as pessoas, feito o doutor Jacintho, através de raciocínios lógicos, até me certificar de que lógicas e pessoas não combinam mesmo, o que me favorece muito. Serão mesmo normais as pessoas ditas normais? O que é normal e o que não é? Qual a diferença entre um sanatório e uma repartição pública?

É normal uma pessoa sentir espasmos e calafrios só de ver outra pessoa?

É normal uma pessoa fantasiar uma outra a ponto de essa outra ter de virar uma terceira, para não frustrar a primeira?

É normal uma pessoa inventar que não sabe viver sem outra, mesmo sabendo que essa invenção só pode atrapalhar a sua vida?

É normal uma pessoa tentar se convencer de que já não se importa com outra, tendo consciência de que quer se convencer de uma mentira?

É normal desejar paralisar o tempo, durante um beijo, ou desejar apressar, durante uma separação, mesmo tendo a informação de que o tempo não ouve ninguém?

Não é normal.

As pessoas não são normais, concluo.  
Que sorte a minha.

Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1959

Meu amor,

Continua tudo bem aqui, com exceção do tudo mal que também continua, que é a tua ausência.

Hoje estive na Caixa Econômica (de Copacabana, está certo?) para ver o negócio da aliança e soube que os penhores vencidos iriam a leilão amanhã. Este fulano então hoje mandou ver se constava alguma coisa em teu nome e verificou que não constava. Mandou-me dar uma busca, já que sem a cautela é difícil localizarem a ficha do penhor. Só a partir de segunda é que poderei saber qualquer coisa. O tal chefe ficou também de estudar o caso, mas parece que, de qualquer modo, será preciso a sua assinatura na segunda via da mesma, e finalmente a sua assinatura também no resgate.

Mudando de assunto, que este da aliança não é do seu agrado, no domingo passado eu trouxe as crianças aqui em casa e elas gostaram e brincaram muito. Lá pelas tantas apareceram de palpite o Zeíca e a Maria Carmen com as crianças. A Rosina brincou de boneca com a Carmen Elisa, e a Py e o José Joaquim jogaram bola. Só faltava você.

Tenho ido toda noite ver as crianças lá na sua mãe, mas a Py às vezes eu não pego acordada. Você sabe que ela tem dormido bem, sem nervoso e agitação? A Gladys disse que durante os dias ela também tem estado mais calma. A Rosina agora deu para fazer colares de contas. Ela diz que são todos para você.

Beijos e mais beijos,  
Caio

Porto Alegre, 20 de fevereiro de 1959

Caio, meu querido, Caio, meu querido, Caio, meu querido,

Você não vai acreditar, como eu quase não acreditei: acabo de vir da sala do dr. Jacintho e ele prometeu me dar alta em dez dias! É muito, mas pelo menos agora posso começar a contar 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, e preparem-se!

Quando eu chegar aí, vou agarrar as meninas mil vezes, vou te dar um milhão de beijos, vou ter o prazer de matar essa saudade, vou ser outra Maria Augusta quando chegar aí.

A Mamãe, a Gladys e a Titia nunca mais vão conseguir enxergar qualquer defeito em mim, e nem ninguém mais, pois, *beside you*, tudo vai ser perfeito.

Nós vamos encomendar nosso novo bebê, e vamos comemorar até cansar, e vamos sair com a Maria Carmen e o Zeíca para ir ao cinema (existe cinema!), e vamos ouvir música juntos, *night and day*, reaprendendo a

dançar, e basta de palavras. Os seus olhos vão me olhar como se fosse a primeira vez, e os meus olhos vão te olhar como se fosse a única, e não foi desta vez ainda que alguma infeliz dificuldade nos afastou.

*I'm leaving*, meu amor.

10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, e todos os beijos que existem neste planeta,  
Maria Augusta

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1959

Meu amor,

Também estou contando os dias até a sua chegada.

Nem parece verdade que esse dia vai chegar e que está tão perto.

Você recebeu, afinal, os Cr\$ 1.000,00 que te mandei? Não vai sair daí em dia de semana, porque senão você vai fazer mais compras e acaba não sobrando dinheiro outra vez para a viagem. Escreva-me pelo menos mais uma carta, animadora feito as do início do mês. Mas, se estiver fraquejando, não escreve, não, espera acalmar, porque assim eu aguento melhor também a minha solidão. Eu continuo achando graça da minha "autoconfiança". Onde é que ela está, minha filhota? Eu estava precisando muito dela agora. Acho que ainda não houve nem um viúvo mais "jogado fora" do que eu estou agora, quanto mais um homem que não vê a mulher há tanto tempo.

Voltando ao esperado dia 2, é melhor você sair daí direto para o aeroporto.

Só penso na primeira noite que você passar aqui. É claro que as crianças não poderão vir para casa ainda, pois não é costume, mesmo na "reprise" da noite de núpcias, levar crianças. Pelo menos na primeira noite. No resto da lua de mel ainda vai. E depois elas estão tão bem na casa da sua mãe, que é hora de pensar só em nós dois. Concorda?

Deixa-me ir ficando por aqui, senão esta carta vai ter que ir de caminhão. Mais uma vez, com todo meu carinho, todo meu amor e com toda a saudade que vai em "minh'alma", e agora, sem "brincar em serviço", na espera ansiosa deste meu broto, desta minha mulher, minha esposa, desta minha amante, da mãe das minhas filhas, de tudo que eu preciso, enfim, sou cada vez mais teu, e você mais minha.

Caio



A ROSINA e a Patrícia estavam lindas, penteadas e perfumadas, esperando a "mamãe" chegar, após mais de um mês longe.

A “mamãe” chegou correndo e abraçou as duas com aquele seu superlativo de necessidade, e saudade, e esperança, e promessa, e expectativa, e intensidade, beijos e abraços excessivos, ou não seria aquela a Maria Augusta.

Dona Tatina derramou para fora seu alívio ao ver a filha assim, feliz, e para dentro sua intuição de que aquela trégua teria um fim, como tudo na vida.

A Gladys e a Titia exibiram as gracinhas das crianças, uma por uma, com um *grand finale* do *Hino Nacional* em dueto.

Houve risadas.

Foi aberto um vinho.

Frank Sinatra tocava na vitrola.

O Caio estava todo orgulhoso.

Mas na hora que faltou luz, em vez de correrem para os braços “da mamãe”, a Rosina e a Patrícia correram para “a vovó, a Dazinha e a Tetê”, e o medo do escuro invadiu tudo de repente.



PESSOAS FUNCIONAM de modos estranhos, às vezes.

Em vez de a obstinada Maria Augusta tentar se reaproximar das crianças, um parafuso se torceu. Tenho observado os sentimentos humanos ao longo do tempo e posso afirmar que a rejeição é um tipo de dor que causa grandes estragos.

O Caio tentou contemporar a situação com teorias, psicologias, filosofias, Freud, Jung, Kant, não sei quem mais, mas foi em vão. Toda vez que a Rosina ou a Patrícia chamavam pela vovó, pela Dazinha, ou pela Tetê, a Maria Augusta caía em prantos.

O assunto “o bebê que a gente vai ter” foi ficando mais frequente, virando consolo, virando calmante, virando prazer, “o bebê que a gente vai ter” — ela começou a amar aquele bebê antes de ele existir. Nem todo mundo consegue amar tanto assim uma hipótese.

Lembra quando eu falei, lá atrás, que apareço de várias formas? Vai ver é por isso que eu gosto tanto desta história toda.

Para felicidade geral, o assunto se resolveu rápido e, em julho daquele 1959, Maria Augusta já estava grávida, toda orgulhosa da vida.

O Caio se pôs a torcer fanaticamente por um menino, o menino que levaria à frente o Franco de Abreu, nome da família. Sua gracinha preferida era ameaçar que avisaria ao obstetra: “Se nascer outra menina, pode colocar ela de volta para dentro da barriga e costurar bem costurado”. A Gladys respondia que não precisava dar esse trabalho ao médico, porque, se fosse uma menina, seria dela. Dona Tatina repetia o velho “só quero que venha com saúde”. Para a Titia tanto fazia qual seria o sexo da criança. Fosse menino ou menina ia virar problema seu na hora de dormir e de brincar, e quando fosse necessário risada, e quando a coisa pegasse, como acontecia com todos os sobrinhos.





AS TRÊS MENINAS.

ADRIANA NASCEU no dia 12 de fevereiro de 1960.

Quando a luzinha rosa acendeu no corredor da maternidade, a Gladys comemorou: "É minha!". Mas no que a menina apareceu no berçário, o Caio entortou a boca num sorriso e avisou: "Desculpa aí, Gladys, mas essa é minha e eu não dou ela pra ninguém".

Foi quando o problema que vinha se anunciando pelos ares virou vida real. A assumida preferência de Maria Augusta pela filha mais nova alcançava um significado maior do que é capaz de significar uma simples preferência, do verbo *preferir*. Para sua mãe, a menina era mais que uma menina, mais que uma vitória, era a escolhida, era uma enviada.

Desde cedo, a Rosina e a Patrícia tiveram que aprender a conviver com isso.

O Caio percebia cada nuance do desequilíbrio e, de tanto tentar equacionar o dilema, quase se tornou um especialista. O coração de dona Tatina conseguiu a proeza de se dividir entre as netas em lotes idênticos. Mas, na tentativa de compensar as desfavorecidas, a Gladys assumiu a Rosina como sobrinha preferida, e a Titia assumiu a Patrícia.

Comentava-se que Maria Augusta estava estragando Adriana com mimos, "assim como seu pai a havia estragado". O mundo era Adriana. Todos os motivos, todas as canções, todas as manhãs, e cada minuto do dia. Quando voltava do Tribunal de Contas, todo dia, Maria Augusta trazia um monte de brinquedinhos dos camelôs do Rio de Janeiro para a pequena.

O Caio, então, intervinha, aliviando daqui, ajeitando de lá, para que aquela predileção causasse o menor dano possível à autoestima de cada uma das crianças. Em geral, conseguia. Ou as três irmãs não teriam crescido tão unidas, vencendo, juntas, os anos.

Rio, 5 de dezembro de 1963

Caio querido, meu tudo, minha vida,

Como estão indo as reuniões? Espero que bem. Atravessar o Brasil, me deixando aqui morrendo de saudade, e depois não fechar o negócio ia ser de matar. Aqui vai tudo indo, briguei com a Gladys, o calor está senegalês.

A Adriana aprendeu a dizer *I love you*, agora estou ensinando *Je t'aime* e quando você chegar vai encontrar uma políglotazinha trepada na porta (depois que ela aprendeu a escalar aqueles ferros, vive lá em cima).

Assim que fechar a venda, me liga, meu amor, aliás, me liga de qualquer jeito, porque a telefonista desse seu hotel já deve estar cheia da minha voz.

Francamente, essa mania que inventaram de te botar viajando o Brasil inteiro, além de estar me dando nos nervos não é justa com a nossa família. Se foi pra isso que você virou supervisor de vendas, a gente nem devia ter comemorado, devia era ter mandado rezar uma interminável missa de corpo presente pra você, só assim você estaria sempre presente.

Desculpa o ataque de chatice, mas não ando bem, tenho estado angustiada e fiquei muito impressionada com o assassinato do Kennedy.

Beijos,

Maria Augusta

Rio de Janeiro, 25 de maio de 1965

Meu amor,

Junto com esta vai um bilhete que a Adriana escreveu sozinha, sem que eu mandasse. Claro que você vai achar que é chantagem emocional minha, mas ela pergunta pelo papai todas as noites e anda dormindo muito mal. Ontem, esgotei o repertório do Charles Trenet inteiro, e ela acordada, até que eu apelei pra *Marseillaise*, mesmo assim, tive que cantar umas dez vezes.

Tenho chorado muito, em parte de saudades suas, em parte não sei bem por quê. Hoje até acordei inchada e a Titia disse que eu estava a cara do Castelo Branco. Pra você ver como eu não vivo sem você, ou melhor, até vivo, se estou viva, mas não consigo achar graça em nada.

Volta logo, meu bem. Inventa pro Sérgio Camargo que eu estou doente, ou coisa assim (mas só inventa doença comigo, com as meninas não), pra ver se ele te libera das reuniões em Salvador. Como se fosse pouco essa guerra atazanando meu juízo, ainda tenho que dormir longe de você e fico em desespero toda vez que se fala em Vietnã.

Traz uma vitrola nova da Zona Franca pra gente, meu bem? Proibi que liguem o rádio.

Beijos,

Maria Augusta



ALÉM DA ADRIANA, outros assuntos vinham ocupando o juízo de Maria Augusta naqueles anos 1960.

Os mais presentes eram a ditadura militar no Brasil, os Estados Unidos da América, a Rússia, a bomba atômica e a Guerra do Vietnã. No início de cada conflito, ela se interessava, lia tudo sobre o assunto, tomava seus partidos e espalhava suas opiniões por onde era possível. De repente, a Guerra do Vietnã virou um monstro de sete cabeças a ocupar uma cabeça só, a dela. Como o resto do mundo, ela temia a tal da bomba atômica. Mas o temor de Maria Augusta também haveria de ser diferente dos outros e logo virou obsessão. Creio que aquele pavor todo tinha mais a ver com o medo de perder o Caio e a Adriana do que com as questões políticas e sociais envolvidas. Maria Augusta mandou emudecerem o rádio e a TV e vetou a entrada de jornais e revistas em casa, assim como as palavras "guerra", "Vietnã", "bomba atômica", além da frase "deixa de exagero, Maria Augusta".

Rio de Janeiro, 29 de junho de 1965

Caio querido,

Se a Gladys te ligar dizendo que eu estou louca, não escute, pois quem está louca é ela. Acredita que ela defendeu o Herson, no almoço de domingo, porque eu reclamei do jornal que ele trouxe? Está bem, eu não só reclamei, eu fiz um pequeno escândalo. Mas o que é que custa ouvir o pedido de uma irmã que não se interessa por notícias internacionais? Está bem, não é que eu não me interesse, eu tenho pavor. Mas quem mandou inventarem a bomba atômica? O fato é que ela disse que ia ligar pra Klabin e pedir o número do teu hotel, e se ela fizer isso mesmo, me defenda, por favor.

Para piorar, nunca te encontro aí, e olha que eu tenho ligado diariamente em todos os horários, feito quem joga batalha naval. Só dá água. Depois não reclame da conta telefônica.

Volta logo que eu tenho tido pesadelos horríveis e a cama está enorme.

Beijos,

Maria Augusta

P.S.: Fala pro Sérgio Camargo que essa foi a última vez que eu deixei você passar mais de uma semana viajando, se ele quiser vender caixas de papelão que venda sozinho.



NOS DIAS DE HOJE, possivelmente haveriam de diagnosticar Maria Augusta como bipolar, ou *borderline*, ou algum outro nome complicado. Para mim, o nome do seu mal, se é que isso é um mal, sempre foi paixão. Simples assim. O problema, se é que isso é um problema, é que as suas paixões eram tão incontrolláveis quanto um cavalo em disparada.

Dizem os entendidos que um sentimento em alto grau de intensidade pode se sobrepôr à lucidez. Dizem também que a falta de lucidez afeta o funcionamento normal das capacidades mentais. Olha aí uma explicação teórica para quem, em qualquer circunstância, tenha se interessado em compreender aquele temperamento imprevisível. Deve haver outras. Além de avesso a teorias, conforme já disse, me sinto bem mais atraído pelo inexplicável do que pelo que é fácil de explicar.

Mais uma vez, Maria Augusta galopava em direção perigosa. Fumava sem parar, se entupia de tranquilizantes, temia catástrofes, fazia drama, ameaçava se matar semanalmente. Além da tal obsessão com a Guerra do Vietnã, outros sintomas iam aparecendo, ou reaparecendo.

Todas as noites, às oito, hora em que o Caio costumava chegar do trabalho, ela ia para a janela e só saía de lá quando via o fusquinha dele dobrar a esquina. Mas se o fusquinha demorava cinco minutos para aparecer, ela saía porta afora e ficava dando voltas no quarteirão, porque, enquanto estava fora, podia se iludir de que o Caio já tivesse chegado em casa. Também costumava inventar jogos infantis, do tipo "se o próximo carro que passar for vermelho, aconteceu um acidente com o Caio", e aquilo virava verdade absoluta. Um dia, a Adriana perdeu a cabeça do "Costa e Silva", seu elefantinho da Shell, brinde que fazia sucesso entre as crianças. Maria Augusta cismou que, se não achassem a cabeça do Costa e Silva, o Caio ia morrer. E botou todos para procurar a cabeça do boneco. O Caio chegou, vivo, 46 minutos atrasado por causa de

uma reunião com um cliente, mesmo com o Costa e Silva sem a cabeça, que nunca mais foi vista.

Apesar de todos os “baixos”, muitos momentos “altos” aconteceram naqueles anos. Nos fins de semana as crianças iam para a casa da vovó, da Dazinha e da Tetê, onde se sentiam agasalhadas, e o casal vivia agradáveis noites com amigos. Domingo à tarde, era na casa da Maria Carmen e do Zeíca que todos se encontravam, as crianças com as crianças, os adultos com os adultos. De noite, voltando para casa, sob a ameaça da manhã de segunda-feira, o cheiro do fusca se misturava com um sentimento geral de tristeza meio indefinida. Durante a semana, quando o Caio chegava do trabalho, vinha o jantar e as novidades passeavam de boca em boca. As meninas e as histórias do colégio, Maria Augusta e as angústias mundiais, Caio e seus percalços. Todas as quintas, seu Hippolyto aparecia de visita, trazendo o chocolate preferido de cada neta, e seu charuto incensava a sala. Depois do jantar, ouvia-se música. A chegada do disco do Chico Buarque, ou dos Beatles, ou do Gilbert Bécaud, ou do Frank Sinatra era sempre festa.

Às vezes não era festa.

Como quando dona Tatina morreu de enfarte, no dia 13 de outubro de 1967, deixando todos completamente órfãos.

Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1967

Caio querido,

Acabei de chegar da missa de mês da mamãe e não sei o que fazer aqui sem você, só eu e as meninas, nesse estado em que estou. (A Arzelinda reparou na tua ausência, mas foram tantos os elogios do quanto você fez no tempo de hospital e no enterro, que ela ficou envergonhada de ter tocado no assunto.)

O Herson não parou de chorar, a Gladys até que estava mais ou menos, perguntou até se eu não queria mandar as crianças para lá, mas a Titia estava péssima. Para ela foi como perder uma irmã e uma mãe ao mesmo tempo. Eu ainda tenho você, como o Herson tem a Ilsa, mas agora só com a Gladys e a Titia tudo vai ficar tão triste que eu tenho medo.

Volta! Eu não vou aguentar até o fim do mês. Larga tudo e volta!

Muitos beijos,  
Maria Augusta

P.S.: A Adriana aprendeu a cantar "Strangers in the night".

Belém, 19 de maio de 1969

Minha querida,

O calor desta terra é escandaloso, mas o hotel é lindo.

Não sei como o pessoal do escritório daqui, que vive como gente daqui, sem piscina de hotel para refrescar os ânimos, faz para se virar.

O Sérgio Camargo vai ficar mesmo até o final do mês e me pediu para ir ao Recife, para uma reunião importante, antes de voltar para o Rio. Não fique com raiva dele, nem de mim, nem da vida, já que a vida está nos dando de presente essa minha promoção. Um gerente tem mesmo que acompanhar cada filial e, modéstia à parte, não estou dando mole, não.

Além de empresários, só tem milicos neste hotel. Eles estão por toda parte, e como são arrogantes. As funcionárias, todas morenas e agraciadas pela sorte, poderiam ser misses e, no entanto, são apenas funcionárias de hotel. Não fique enciumada, mas não há como não falar do espetáculo à parte que são essas moças daqui de cima do Brasil.

Assim que chegar no Recife, te telefono.

Pede a Gladys que te empreste algum, já que vou demorar mais do que previa.

Explica direitinho para as meninas por que o papai tem viajado tanto.

Adorei receber a poesia da Rosina, o desenho da Patrícia e o livro da Adriana. Que sorte a nossa termos um Murilo Mendes, um Picasso e uma Agatha Christie em casa.

Tomara que o coelho que roeu meus cadarços já tenha sucumbido, é até triste ver o bichinho vivendo numa área de serviço.

Fala para as três que levarei presentes e mais presentes.

Para você, creio que o maior presente seja a minha chegada, mesmo assim vou procurar um belo vestido para a gente ir jantar fora no dia 28, quando pretendo estar aí.

Beijos e mais beijos,

Caio



SE TEM UMA COISA que me encanta é acompanhar os momentos de virada na vida das pessoas.

Uma decisão, uma desistência, um desvio, uma pergunta, um silêncio, e de repente uma possibilidade de futuro desmorona e uma outra aparece, inesperadamente. Muitas vezes as pessoas nem percebem na hora que aquela hora é decisiva. Quando vêm enxergar isso, já tomaram um caminho que pode terminar em arrependimento, ou em alívio. Penso que se fosse dado aos humanos o direito de voltar atrás e mudar algum ponto da trajetória, talvez eles passassem a eternidade para trás e para a frente e suas histórias não terminassem nunca.

Nem todo mundo consegue identificar em que ponto, exatamente, este ou aquele rumo se traçou. Mas eu consigo.



EM DEZEMBRO DE 1970, um assustado Caio chegou em casa com uma novidade. Havia recebido uma excelente proposta de trabalho: ser responsável pela implantação da próxima filial dos Klabin. Para ganhar muito mais. Para ser promovido. Para ter décimo quarto salário, gratificação, carro da firma, apartamento da firma, o escambau. Só um problema: era em outra cidade, o que exigiria a mudança da família. Um desafio bem grande, especialmente para quem tinha aquele medo todo de não acertar em cheio.

Recife, 27 de fevereiro de 1971

Minha querida,

Estou te escrevendo esta cartinha às pressas, em cima do joelho. Acabei de receber um telefonema do Camargo, me pedindo para esperá-lo para a reunião do dia 8. Ele acha importante eu participar da seleção dos funcionários da empresa antes de assumir o cargo.

Vou ter que ficar, apesar das saudades e da "fossa". Às vezes eu penso em desistir novamente dessa mudança e fico nervoso tanto com a ideia de vir como de não vir. Escreva-me, de maneira a receber algumas palavras tuas, se possível me animando. Talvez não dê tempo de receber tua carta ainda aqui, pois ainda vou para Belém e Manaus. De qualquer forma, escreva duas cartas iguais: uma para Manaus, a /c de Pinto & Cia. Ltda., rua Guilherme Moreira, 140, e a outra a

/c de Klabin Irmãos & Cia., a /c de Francisco Cestaro, rua Madre de Deus, 27 / 14º andar.

Escreva-me rápido, rapidíssimo!

Milhões de beijos para você e para as crianças. Diga-me como elas estão e o que estão pensando a respeito disso tudo.

Beijos, beijos, beijos...

Caio

Rio de Janeiro, 5 de março de 1971

Meu querido,

Recebi hoje a sua carta. Acabei de pedir uma ligação para Belém, onde imagino que é onde você deva estar, mas os circuitos estão interrompidos. É uma pena, pois não sei como vou conseguir dormir sem falar com você.

Estou escrevendo com carbono, assim mando cópia para Manaus e para Recife, e não é possível que alguma dessas não o encontre.

Quarta-feira o Sérgio Camargo telefonou, mas eu estava trabalhando e ele falou com a Patrícia. Ele perguntou sobre a época da nossa ida e disse que ia combinar com você.

Acontece, meu bem, que a época agora não é muito propícia para resolver a minha licença no Tribunal por causa da mudança de governo.

Portanto, se nós formos, seria melhor em julho.

Quanto a te animar, meu amor, você já sabe o que eu acho: vale a pena aceitar se realmente a proposta for boa. Pense bem, não se deixe pressionar. Não vá aceitar mixaria, mas também não jogue fora uma boa oferta. Seja qual for a sua decisão, você sabe que eu aceito e só quero ver você feliz.

Vê se telefona do Recife e fala comigo antes de se decidir. De qualquer forma, telefona de lá avisando o que ficou decidido.

A Norma e o Zé Maria estão aqui com as três crianças maiores. Vão ficar até domingo.

Ontem tivemos uma grande alegria. Telefonaram da Cultura Inglesa avisando que a Rosina passou no Lower. Ela está radiante.

Milhões de beijos para você de nós todas. A Adriana está morrendo de saudades.

Maria Augusta

Telefona do Recife!!!!!!!!!!!!!!

P.S.: Relendo esta carta verifiquei que está uma grossa porcaria que vai deixar você ainda mais confuso.

Portanto, em resumo, a situação parece ser a seguinte:

- 1) Se a proposta for boa e valer a pena, aceite.
- 2) Se a proposta for mixuruca, recuse.

3) Se você aceitar, vê se consegue adiar nossa ida até julho para ver se resolvo o assunto do Tribunal e as meninas recomeçam na escola de lá no segundo semestre.

Resolva com calma e cabeça fria.

Que Deus te ilumine.

Para mim, o que você resolver eu aceito com prazer. Só quero o melhor para você.

Milhões de beijos,

Maria Augusta

Rio de Janeiro, 12 de março de 1971

Meu querido,

Assim que desligamos o telefone, me arrependi de tudo que disse. Liguei, mas você não estava no hotel. Foi beber, querido? Está tudo difícil, não está?

Acho que você deve aceitar a proposta, sim, vai ser bom pra você, vai ser bom pra nós e as meninas vão acabar se acostumando. Como isso eu já disse mil vezes (assim como já disse 2 mil vezes o contrário), vou tentar formular um argumento mais inteligente.

Desisti do argumento mais inteligente.

Me perdoa, meu querido, se eu não estou conseguindo ajudá-lo, mas, se eu mesma estou tão perdida, o que fazer? Sinto que estou atrapalhando a sua vida, pois é claro que seu maior medo é o de irmos aí para o Recife e você ter que dar conta sozinho da louca aqui, quando tudo que a louca aqui quer é o seu bem. Além disso, a Gladys e a Titia já prometeram ir com a gente e ficar uns três meses, enquanto as crianças se adaptam. E um ano e meio passa rápido!

O seu pai me disse ontem que essa é uma oportunidade de ouro para você, pois não é só o aumento de salário, mas a promoção e a sua carreira, e também jurou que vai nos visitar sempre. A Adriana está até animada de ir para um lugar tranquilo, onde vai poder andar de bicicleta pelas ruas. A Patrícia está sem falar comigo, mas até a Rosina já está considerando a hipótese de ficar um tempo afastada do Ernesto, depois que você disse que não seria difícil ele arrumar um bom emprego por aí. Vai ser bom para os dois esse afastamento, você mesmo não disse que a Rosina ia terminar virando personagem de ópera, do jeito que a coisa vai?

Está decidido. Vamos!

Vou falar no Tribunal sobre a minha licença sem vencimentos. O Heitor já falou que é possível. Confia em mim que eu não sou maluca a ponto de infernizar a sua vida nesse período de desafio que você vai atravessar. Juro que não vou ficar "louqueando" por bobagem. Liga para o Sérgio Camargo e

diz que aceita, meu bem. Do contrário eu vou ficar o resto da vida culpada por ter estragado sua carreira, e isso só vai piorar os meus nervos. Se o seu receio é o de não saber o que fazer com as minhas birutices, então aceita essa proposta, pelo amor de Deus, ou eu estarei condenada a passar o resto da vida infeliz e culpada.

Quem sou eu para falar em personagem de ópera!

Beijos,

Maria Augusta



O CAIO ACEITOU a proposta de passar um ano e meio no Recife, para instalar a Ponsa, fábrica de papelão ondulado do Grupo Klabin. Os presidentes da firma, seus amigos pessoais, insistiam que ele era o homem certo para aquela função e ele não queria decepcioná-los.

A família se mudou para o Recife no dia 11 de julho de 1971.

A Rosina estava com dezessete anos, a Patrícia, com dezesseis e a Adriana, com onze.

O apartamento era imenso.

A cidade era linda.

O mar tinha cor de lápis de cor.

Estavam todos sinceramente empenhados em ser felizes.

Para as meninas, que nasceram e cresceram no Rio de Janeiro, aquele Recife tinha um cheiro doce de balneário, um ar de vilarejo. Tudo era novidade, os novos amigos, as novas palavras, as sonoridades novas, um novo ritmo.

A Maria Augusta bem que tentou se adaptar às conversas com vizinhos e àquela placidez das ruas ainda sem asfalto, que não combinavam em nada com o seu estilo. Tudo pelo Caio. Mas a paz exterior da cidade tranquila brigava com o seu tumulto interior o tempo inteiro. Às vezes, vinha uma crise de nervos, mas ela tentava se controlar. É inegável que Maria Augusta fez o que pôde para enfrentar aquela vida nova. O que não podia, não podia.

O "um ano e meio" de Recife que o Caio tinha acertado com a Ponsa se estendeu para três anos. Paciência. Tudo ia se acomodando. Mais ou menos.



UMA CRISE PROFISSIONAL começou a explodir a autoestima do Caio ou, talvez, o contrário.

O novo cargo, a obstinação em corresponder às expectativas, as regalias de alto funcionário, aquelas quatro mulheres precisando dele, seu senso de responsabilidade, seu desejo de não desapontar os outros, aquilo tudo pressionava seu juízo, dia e noite, principalmente nas noites, insônias adentro. Nos momentos de insegurança, ele afirmava que não estava rendendo o que poderia render porque não conhecia aquele novo mercado. Seus poucos colegas de trabalho não concordavam com isso, pelo contrário, consideravam Caio um excelente profissional. Seria aquela insegurança uma grande paranoia? Quem pode declarar que sim ou que não? Eu me abstenho.

Uma das coisas que mais me atraem nas pessoas é essa mania de superestimar os próprios sentimentos. E complicar. E se perder no meio de suposições opostas. Mesmo as pessoas que têm por filosofia não se levar tão a sério muitas vezes caem nessa armadilha.

Enquanto Caio lutava com seus medos, Maria Augusta se dopava com calmantes. A dose só ia aumentando. Às vezes era encontrada caída no chão em algum canto da casa. E se dopava mais. Para não criar confusão. Para não dar escândalo. Para serenar seus incomuns desejos.

Depois de uma tortuosa conversa que varou a madrugada, eles resolveram tentar terapia. Psicanálise. Jesus Cristo. Uma viagem. Outro cachorro. Aulas de francês. Antidepressivos e mais antidepressivos. Mas a melancolia do Caio já estava indo para o fundo do poço onde se refugiam os deprimidos, e a agonia da Maria Augusta tinha virado desespero havia tempo.

Eu confesso: havia me afeiçoado tanto àqueles dois, que torcia por Caio e Maria Augusta, Maria Augusta e Caio. Torcia do meu jeito. Eu também gosto de ver meu trabalho render e me entusiasmo bem mais com inquietações do que com fastios. Até eu,

porém, estava apreensivo. Caso pudesse interferir em sentimentos que não são da minha alçada, juro que teria me intrometido. Não podia. Só me restava acompanhar o curso natural da vida, pena que o curso natural da vida do casal estivesse tropeçando tanto.



NA ÉPOCA em que trabalhava, no Rio de Janeiro, Maria Augusta ainda conseguia ocupar suas horas com o universo do Tribunal de Contas. Com a licença sem vencimentos virando aposentadoria precoce, Maria Augusta agora se via com os dias inteiros só para ela. Ela e sua agonia. Como se o "sua agonia" acrescentasse algo à informação "Maria Augusta e seus dias inteiros". Na sua cabeça, havia milhares de desgraças à espreita em cada esquina, cada qual pior que a outra. Era preciso distrair os pensamentos todos os segundos, porque se uma única suposição maquiavélica se infiltrasse, vinha a confusão toda.

Houve a fase dos passarinhos. Dezenas deles. Numa gaiola imensa instalada na varanda. Pássaros vermelhos, amarelos, bicolores, patativas, canários, curiós, que morriam aos montes, assim como eram comprados.

Houve a fase dos peixes. Um aquário gigante com um mergulhador soltando bolhinhas de ar, e pedras, e algas, e todos aqueles peixinhos nadando em todas as direções, até irem amanhecendo mortos, emborcados na superfície da água.

Voltaram as crises, assíduas como nunca, os pedidos descabidos, as choradeiras por nada. O Caio e as meninas procuravam lidar com os desvarios de Maria Augusta, mas sem a dona Tatina, a Gladys, a Titia ou o seu Hippolyto por perto, tudo ficava mais difícil.



A ROSINA, a Patrícia e a Adriana terminaram se adaptando àquela mudança. Fizeram amigos, saíam, se divertiam e logo vieram os namorados. De outra feita, posso contar alguns de seus romances. Aqui, me reservo a falar de seus pais, este é o tema.

Os primeiros anos de Recife foram intensos.

Novidades, saudades, angústias, alegrias e agonias, mais que nunca.

O casal saía pouco, mas o ciúme do Caio incomodava.

Maria Augusta possuía o poder de atrair a atenção das pessoas com seu carisma, sua cultura geral e sua memória, que faziam dela uma enciclopédia ambulante. Ele deu para cismar com os vizinhos, os colegas, os transeuntes, qualquer um que se aproximasse de sua mulher. Uma noite, numa ópera, no Teatro de Santa Isabel, o Caio encasquetou que o maestro estava flertando com a Maria Augusta. Os fatos se repetiam. Do lado dela, desesperos exagerados. Do lado dele, insegurança, mais ciúme, mais depressão, mais dúvidas, mais culpa, mais olhar o teto madrugada adentro.

Na noite de 10 de março de 1973, o Caio tomou duzentos comprimidos para dormir, numa tentativa de suicídio.



QUANDO ACORDOU, vivo, no hospital, Maria Augusta prontamente perguntou o que ele estava sentindo: frustração, surpresa ou alívio por não ter morrido? A resposta foi "surpresa". Aí, justificou sua atitude, afirmando que tentou se matar porque estava deprimido, por insegurança profissional. Então se calou. A Maria Augusta também, e também as meninas, num estranho pacto que não foi combinado por ninguém. O silêncio convinha. Talvez fosse isso.

A ressaca do episódio não poupou ninguém. O Caio passou o resto da vida constrangido por ter tentado o suicídio. Ou, quem sabe, por só ter tentado e não ter conseguido consumir. Os medos da Maria Augusta agora tinham uma ótima desculpa e um alvo certo. A Rosina, a Patrícia e a Adriana se depararam pela primeira vez na

vida com o desengano. Acreditar que a origem daquela depressão era trabalho aliviava muito pouco a culpa das quatro mulheres do Caio. Mas algo, nelas, dizia que não era. Havia, é claro, a notória inteligência, competência, correção, o empenho e o profissionalismo do pai e marido. Porém, tinha também algo como um sexto sentido ou outra dessas estranhezas que nascem com as mulheres.

A pergunta “Teria fundamento toda aquela insegurança profissional do Caio?” paira por aí, resistindo ao tempo.



QUANDO A PATRÍCIA ficou grávida, aos dezoito anos, do grande amor da sua vida, ficou mais do que claro para o Caio e a Maria Augusta que aqueles três anos de Recife iriam se estender pela vida inteira. Em 1974 ainda não era tão normal assim uma moça solteira engravidar. Foi para o pai que ela contou da gravidez. Ele, tranquilamente, consolou a filha, “essas coisas acontecem”. Daí, enumerou as escolhas que ela tinha: casar ou não casar, abortar ou ter o filho, casada ou solteira. A reação da Maria Augusta foi mais dramática. Não que aquilo a tivesse chocado, mas só para não deixar passar uma ótima oportunidade de dramatizar as coisas. A Patrícia perdeu esse bebê. E quem ficou grávida em seguida foi a Rosina. Essa nova perspectiva — netos — trouxe um suspiro de alívio generalizado. Como se netos trouxessem soluções. Como se soluções fossem gente, objeto, coisa visível, possível a outro alguém além do dono do problema.

Em 17 de janeiro de 1976, dia em que Maria Augusta completava 43 anos, a Rosina deu à luz a Suzana, em parto normal. Belo presente.

Em julho de 1977, finalmente Patrícia se casou com o grande amor da sua vida, grávida de quatro meses. Guilherme nasceu no dia 21 de novembro. Finalmente um homem na família. A esperança se alargou. O Caio sempre quis tanto esse menino. Mas

nem o orgulho de avô estava mais dando jeito naquela tristeza que ele contava só para o teto, quando estava deitado na cama.





EM BOA VIAGEM, CAIO E AUGUSTA POSAM  
CAIO SE SUICIDARIA POUCO DEPOIS DEIXANDO UMA CARTA  
COM DESPEDIDAS E INSTRUÇÕES PRÁTICAS (ABAIXO).

7/8/78

Maria Augusta, meu amor:  
Eu estou muito doente, e o que eu sinto é aterrador!  
Fiz tudo o que pude, para evitar este gesto, mas já  
sei que é impossível.  
Eu não tenho condições de continuar a viver, incapaz  
citado para o trabalho, como eu ando.  
Este é todo o meu drama.

O ANO DE 1978 chegou fervendo.

Em 27 de janeiro, a Adriana se casou.

A família comentava que era um infanticídio permitir a uma menina se casar aos 17 anos. Maria Augusta, em vez de se preocupar com isso, comemorava secretamente. Casada, a garota não ia viver pelas ruas, se divertindo feito uma garota. Ninguém nunca entendeu por que o Caio, lúcido como era, deixou a filha se casar tão jovem. Eu tenho a intuição de que ele estava pensando a longo prazo. Quando você acompanhar os acontecimentos desse ano, talvez concorde comigo. Caio e Maria Augusta ficaram outra vez sozinhos em casa, como naquele início de casamento, em 1953. Com as diferenças que o tempo teceu durante esses anos todos.

Em 4 de fevereiro, um sábado de carnaval, o Herson morreu de um enfarte fulminante.

Quase dois meses depois, em 10 de abril, morria seu Hippolyto, levando com ele toda espécie de paz que o Caio raramente ainda conseguia sentir.

Menos dois homens naquela família de tantas mulheres.

A tristeza andava ambiciosa por aqueles dias.

Em 21 de julho, por causa de uma discussão sem importância, Maria Augusta pegou um isqueiro, uma garrafa de álcool e ameaçou atear fogo em si própria. Com o intuito de obter credibilidade, acionou o isqueiro sem esperar que acontecesse o que aconteceu. Uma faísca fez a garrafa de álcool explodir na sua mão, o álcool alimentou as labaredas e ela pegou fogo inteira. Foi o Caio quem apagou as chamas.

Algumas queimaduras viraram gangrena e Maria Augusta teve o dedo polegar da mão direita amputado, no dia 26 de julho.

Essa foi a primeira vez que a Rosina, a Patrícia e a Adriana viram o pai chorar.



LÁ NO COMEÇO da história, comentei que assumo várias formas e sou chamado por nomes diferentes. Sou diverso. Estou no olhar de uma mãe para um recém-nascido, na mão que um amigo oferece a outro, num passeio de pai e filho, num arrepio mútuo de um rapaz e uma moça que se provocam, num bar, num sofá, num quarto, numa cama. Passo de sentimentalismos a ações concretas em questão de instantes. Posso ser piegas, posso ser safado, posso ser belo, terno, enorme, mas evito tomar decisões. Sou exatamente o que esperam de mim, em cada caso.

Desde o início, o amor da Maria Augusta pelo Caio foi desvairado.

Já o amor do Caio sempre foi mais difícil de definir. Apaixonado? Carnal? Amedrontado? Paterno? Doce? Passional? Tudo isso?

É. A única palavra em que todas essas palavras cabem é no meu nome. E eu sou mesmo impossível. Fazer o quê?

Na madrugada de 8 de agosto de 1978, o Caio tomou quatrocentos comprimidos para dormir. Foi encontrado pela empregada, de manhã cedo, desmaiado no chão da sala.

7 de agosto de 1978

Maria Augusta, meu amor:

Eu estou muito doente, e o que eu sinto é aterrador!

Fiz tudo o que pude, para evitar este gesto, mas já sei que é impossível.

Eu não tenho condições de continuar a viver, incapacitado para o trabalho, como eu ando.

Este é todo o meu drama.

Peço a Deus que me perdoe e que olhe por você, por minhas filhas, meus netos, minha mãe, por minhas irmãs e sobrinhos, pela Gladys, pela Titia, pela Ilsa e por todos os outros parentes.

De você e de minhas filhas, especialmente, eu levo muita saudade.

Que Deus te ilumine, e peço que vocês não percam a fé na vida.

Eu estou deixando cinquenta e poucos mil cruzeiros na minha pasta.

Tire cópias da certidão de óbito e, dentro do prazo de vinte dias, vá ao Banorte, na rua Nova, e leve a certidão e a escritura, que está no envelope grande, na pasta, e eles devem te entregar a casa livre de ônus.

Procure saber, com o Ribamar, ou o Clemente, o que fazer para receber, pelo menos no inventário, cerca de 250 mil cruzeiros, que eu tenho do fundo de garantia. Se você aplicar esse dinheiro, te dará uns Cr\$ 6.000,00 mensais de renda.

Quanto à pensão a que você tem direito, no INPS, sempre dá menos do que se espera, eu calculo que também uns Cr\$ 6.000,00 mensais.

Peça informação ao Raul, que esteve se informando agora sobre aposentadoria.

Leve a minha carteira profissional, a certidão de óbito e o registro da minha firma, junto com a papeleta de baixa da firma, estão todos estes papéis na minha pasta, dentro da carteira profissional.

Deve ser na agência do INPS, na rua da Palma. Procure se informar direito.

Que Deus abençoe vocês, você e minhas filhas não mereciam este sofrimento.

A Rosina, Patrícia e Adriana, peço que vocês vejam o exemplo da vovó Elza, cujo pai também morreu assim e, mesmo assim, e com muitas outras dificuldades, foi em frente.

Que Deus olhe por vocês e possa lhes dar paz e serenidade.

Adeus, meu amor,

Caio

P.S.: Pede para encaminhar o bilhete anexo para o Armando Klabin.

P.P.S.: Os meus dias de trabalho de agosto pede para o Ribamar te pagar em dinheiro, já que não temos conta conjunta.



OS MÉDICOS estavam esperançosos. Contavam que o Caio, mesmo inconsciente e amarrado, se levantava, com cama e tudo. Era o primeiro caso de um paciente que havia sobrevivido a quatrocentos comprimidos, diziam.

A Maria Augusta não saía da porta do CTI nem fazia esforço para disfarçar que estava à beira da loucura.

No dia 12 de agosto, um sábado, o médico de plantão deu a boa notícia: as meninas podiam comprar presentes para o Dia dos Pais, visto que o Caio teria alta do CTI e iria para o quarto na manhã seguinte.

Os presentes foram comprados.

A espantosa recuperação do Caio foi comemorada num confuso jantar em família, a Rosina, a Patrícia, a Adriana, e os maridos, num restaurante chinês ali perto. Aquela foi a primeira vez que Maria Augusta conseguiu se alimentar em três dias.

A notícia chegou, feito um estrondo, antes da sobremesa: às 22h47 o coração do Caio tinha parado de bater, por causa do efeito retardado de uma das drogas de algum dos medicamentos que ele havia ingerido.

Parecia mentira.

Mas não era.



ENTERRO DE QUEM se mata é ainda mais estranho do que enterro de gente que morre naturalmente. Tem a tristeza, o horror, o desalento, o pranto. Mas também tem uma sensação meio assim, como de desterro. E uma culpa dentro de cada pessoa presente. “Será que eu não poderia ter feito algo?”

A Rosina, gravidíssima, estava linda nesse dia. A Adriana também estava grávida de poucos meses. A Patrícia, teimosa como sempre, tentava consolar as irmãs do que era inconsolável. Não havia como não chorar a droga do futuro que ia impedir aquelas crianças de conhecer o avô, droga de futuro.

Maria Augusta passou o velório inteiro querendo convencer Adriana de que a culpa não era dela, Maria Augusta. Provavelmente porque achava que era. Mesmo que não fosse. Mas ela achava que era isso que todos pensavam. E ali estava, uma viúva obsessiva, vagando pelo jardim do cemitério, com a mão ainda enfaixada da recente amputação, mendigando a compreensão da filha. Mais uma vez ela agia de forma inesperada dando uma volta nela mesma, contrariando todas as expectativas. Em vez de chorar a morte do Caio, Maria Augusta chorava a sua vida.

Dona Elza também surpreendeu quem estava lá. Durante o cortejo do amado filho preferido, deu uma verdadeira aula de artes plásticas, explicando aos presentes a origem da arquitetura das sepulturas por que passavam, povoando as alamedas frias. De vez em quando parava, expulsava o choro e então voltava a falar de artes.

Só para notificar. Nem a dona Elza, nem a Maria Carmen, nem o Zeíca, nem a Norma, nem o Zé Maria jamais culpam Maria Augusta por nada do que aconteceu: nem pela morte do Caio, nem pela vida vivida. Transcrevo aqui a explicação do verbete “melancolia” no *Dicionário Aurélio Buarque de Holanda*: “Distúrbio mental caracterizado por depressão em grau variável, sensação de incapacidade, perda de interesse pela vida, podendo evoluir para ansiedade, insônia, tendência ao suicídio e, eventualmente, delírio de autoacusação”. Todos eles conheciam bem aquilo.

Para engolir os quatrocentos comprimidos que o mataram, Caio usou guaraná em vez de água. A garrafa de um litro foi encontrada ao lado do seu corpo desacordado na manhã do dia 8 de agosto, na sala da casa, em Boa Viagem, Recife, Pernambuco, Brasil.

Maria Augusta nunca mais tomou guaraná. Só tomava os comprimidos.



NÃO PENSEM que meu trabalho acabou ali.

Dei para passear por outros estilos, mas não abandonei Maria Augusta, nem jamais o faria. A questão era para onde canalizar a paixão pelo Caio sem o Caio.

Em 16 de outubro de 1978 nasceu Marina, a segunda filha de Rosina. Mas a avó só pensava no bebê que Adriana estava esperando, com aquela sua ansiedade que queria sempre mais, e depois, e além. “Afinal, era o bebê que Adriana estava esperando!” A Rosina e a Patrícia, como sempre, aceitaram aquela lógica ilógica: “Coisas da mamãe!”. Estavam habituadas.

Tatiana nasceu na manhã de 23 de janeiro de 1979. A alegria que sua chegada causou não teve fim. A avó para sempre ostentou a predileção por aquela neta, sem o menor constrangimento.

Agora era a Patrícia que estava grávida de novo.

Mas Maria Augusta estava tão preocupada com a anunciada queda de um laboratório espacial chamado Skylab, que não

conseguia se concentrar em mais nada. Só falava naquilo. Ouvia sempre um “deixa de neurose, mamãe”, porém não deixava de neurose.

No dia 3 de julho de 1979, nasceu Isabela.

No meio da alegria geral, o grave problema: Maria Augusta tinha certeza de que o Skylab ia cair na cabeça da Adriana, estava desesperada e precisava tomar suas providências. O jeito era grudar na filha, foi a conclusão. Inútil discutir com maluquice. Ela conseguiu permissão para ir dormir na casa da Adriana, para que morressem juntas. Na madrugada de 11 de julho, o Skylab caiu na Austrália. Maria Augusta achou aquilo um desaforo.



NA MISSA de um ano da morte do Caio, a Maria Augusta confessou a revolta que sentia por ele ter se ido, por vontade própria, deixando para ela a condenação de seguir sozinha.

A Gladys e a Titia foram morar no Recife, em parte para cuidar da Maria Augusta, em parte para cuidar da Rosina, da Patrícia e da Adriana.

O buraco que o Caio havia deixado Maria Augusta tentava tapar com Tatiana, Adriana, todos os vira-latas das ruas, livros, discos, os cursos da Aliança Francesa *et plus rien*. Desculpe a falha. Os remédios tinham uma participação especial nos seus dias e noites. Ela foi aumentando a quantidade de calmantes que tomava, pouco a pouco, logo se acostumava com as novas doses, aumentava mais um bocadinho, até que começou a beber para potencializar as drogas. Ficava mais fácil viver sabendo que havia vagostesil, mogadon, mequalon, valium e rohypinol na gaveta e uma garrafa de vodca na cozinha. Numa noite, enquanto ela juntava na mão os remédios habituais, a Gladys contou dezesseis comprimidos ao todo. Foi consenso que Maria Augusta precisava trocar de psiquiatra, se mudar da casa onde as memórias do Caio habitavam e dar uma virada na vida. Ela aceitou as exigências, com uma

condição: queria ir morar perto da Adriana. Tatiana e Adriana, Tatiana e Adriana, Tatiana e Adriana, os pensamentos de Maria Augusta sempre gostaram de brincar de roda. No meio da roda, a canção "Learning the blues".



A TITIA MORREU em 1983 e um bocado de alegria morreu com ela.

Suzana, Guilherme, Marina, Tatiana e Isabela foram os últimos sobrinhos que tiveram a sorte de se aconchegar "nos peitos da Tetê" e rir dos seus absurdos. Mais uma vez, Maria Augusta surpreendeu. Sempre fora tão apegada à Titia, desde que nasceu. No entanto, reagiu muito bem à sua morte.

A minha teoria sobre os amores da Maria Augusta só se confirmavam. O medo de perder quem amava era desesperado demais. Maior do que qualquer vazio que viesse depois. Mas isso já é coisa minha.

Agora era a Maria Augusta e a Gladys, se desafiando, se amando lá do jeito delas, tentando levar a vida em frente. A Rosina, a Patrícia, a Adriana contavam com a Dazinha, não só para ajudar com a mãe, mas com elas mesmas. Cinco mulheres. Mais uma vez sobreviveram e seguiram. No aparelho de som tocava: "Ai, como essa moça é descuidada,/ Com a janela escancarada/ Quer dormir impunemente...".

Maria Augusta já estava pegando tão pesado no cigarro e nos remédios que sua saúde começou a reclamar. Ela já passava dos cinquenta anos.



EM 1989, Adriana engravidou pela segunda vez. Ao saber da notícia, Maria Augusta ficou tão radiante que exclamou na hora: "Tomara que nasça num domingo pra eu não ter que ver o *Faustão*".

Na segunda de 23 de outubro de 1989, nasceu Clarice.

O vendaval de alegria que chegou com aquela neta temporã foi muito bem-vindo. A pequena trouxe fôlego e mais um motivo de vida para a avó mais feliz do mundo: fotografar o bebê todas as horas do dia. Estão por aí, como prova disso, fotos e mais fotos de um pedaço de berço e um lustre, ou uma barrinha de vestido com dois pezinhos e um tapete, ou coisa que o valha, para usar uma expressão que Maria Augusta gostava de usar. Tudo meio tremido. Tanto as meninas insistiram que ela foi ao médico. Estava com cor pulmonale, deficiência cardíaca de causa pulmonar. Ouviu um sermão da Gladys e das filhas. Aceitou parar de fumar. Na frente delas.



DOZE DE MAIO de 1991.

Dia das Mães.

Todos se reuniram para um almoço na casa da Patrícia.

Maria Augusta encheu um copo longo de uísque até a borda.

Adriana reclamou que ninguém tomava uísque daquele jeito, àquela hora do dia, principalmente quando se está dopado da véspera. Maria Augusta respondeu que o copo era dela e ela enchia como quisesse. Adriana disse que Maria Augusta estava se matando. Ela respondeu que a vida era dela e ela se matava na hora que achasse melhor. "Então se mate, mas eu não quero ver", Adriana respondeu e foi embora com Tatiana e Clarice.

Rosina e Patrícia tiveram que se ocupar daquela tarde.

Maria Augusta morreu no dia seguinte, depois de uma madrugada de agonia, calmantes e bebida.



A GLADYS ACOMPANHOU o velório da irmã, devastada, mas firme. Estava com mais de oitenta anos. Mas não haveria de ser agora que descuidaria das suas meninas.

A Rosina, a Patrícia e a Adriana se despediram da mãe chorando o que era triste e rindo com orgulho do que era engraçado.

Eu fiquei ali até o final do enterro, quando já anoitecia.

As pessoas foram se dispersando, o cemitério ficou vazio.

Tive que fazer um grande esforço para encerrar a história e partir para outras tantas que me convocavam com urgência.

Estava meio zozzo.

Comovido.

Um pouco cansado.

Mas muito orgulhoso, confesso.

Desde o início desse romance, me empenhei em ser intenso. Acredito que um trabalho só fica bem-feito quando a gente se joga nele com tudo. Aí, sim, o resultado, seja ele qual for, será perfeito.

Eu já disse que sou perfeccionista?



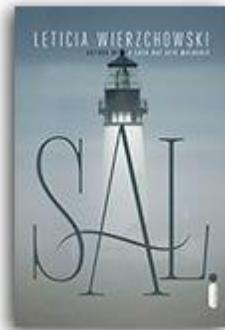
## SOBRE A AUTORA

Daryan Dornelles



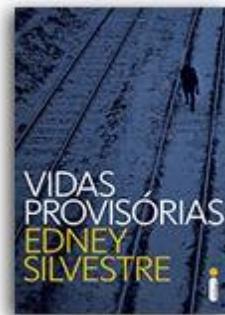
ADRIANA FALCÃO nasceu no Rio de Janeiro em 1960 e foi morar no Recife ainda adolescente. De volta à cidade natal em 1995, ganhou reconhecimento como escritora, cronista e roteirista. Na televisão, colaborou em programas como *A grande família* e *Louco por elas*. No cinema, esteve por trás de sucessos como a adaptação de *O auto da compadecida* e *Se eu fosse você*. *Queria ver você feliz* é a sua primeira obra de não ficção.

## TÍTULOS RELACIONADOS



*[Sal](#)*

[Leticia Wierzchowski](#)



*[Vidas provisórias](#)*

[Edney Silvestre](#)